



Universidade Federal de Ouro Preto

Escola de Minas



Reabilitação do parque urbano Horto Botânico e Vale dos Contos

Paula Ponciano Gomes Rosa

Ouro Preto, MG

2019

Paula Ponciano Gomes Rosa

REABILITAÇÃO DO PARQUE URBANO HORTO BOTANICO E VALE DOS
CONTOS

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro
Preto, como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel (a) em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Espaços Públicos de Lazer

Orientadora: Profa. Dra. Alice Viana de Araújo

Ouro Preto

2019

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R788r Rosa, Paula Ponciano Gomes .
Reabilitação do Parque Urbano Horto Botânico e Vale dos Contos.
[manuscrito] / Paula Ponciano Gomes Rosa.- 2019.
89 f.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Viana de Araújo .
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Minas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo .

1. Jardins botânicos. 2. Intervenção Urbana. 3. Gestão. 4. Parques
urbanos - Ouro Preto (MG). I. Araújo , Alice Viana de . II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 72:711.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 13 de dezembro de 2019, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas da UFOP, intitulado: **REABILITAÇÃO DO PARQUE URBANO HORTO BOTÂNICO E VALE DOS CONTOS**, do aluno(a) **PAULA PONCIANO GOMES ROSA**.

Compuseram a banca os professores(as) **ALICE VIANA DE ARAÚJO, NATÁLIA LELIS TORRES, DANILO DE CARVALHO BOTELHO ALMEIDA**. Após a exposição oral, o(a) candidato(a) foi argüido(a) pelos componentes da banca que reuniram-se reservadamente, e decidiram, APROVAR A ALUNA, com a nota 9,0.

Orientador(a)

Avaliador 1

Avaliador 2

RESUMO

O Parque Municipal Natural Horto dos Contos, conhecido por Parque Urbano Horto Botânico e Vale dos Contos, por formar um amplo conjunto que une essas duas regiões, foi inaugurado em 2008 pelo programa Monumenta e desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em conjunto com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto (PMOP), na cidade de Ouro Preto – Minas Gerais, sendo a intervenção de maior extensão e importância na cidade prevista pelo programa. O parque se consolidou como um espaço de lazer e descanso no Centro Histórico da cidade, região carente de espaços públicos verdes e de lazer ativo, em 2015 por razões políticas e ambientais teve suas atividades suspensas e fechamento ao público. Diante da importância que o parque alcançou em escala municipal, sendo atratividade para comunidade e turistas, julga-se necessária sua reativação. Para tal, neste trabalho indicaram-se medidas interventivas para recuperação de sua estrutura e uma proposta de gestão que corresponda a sua reabertura e funcionamento adequado. As indicações foram pautadas em uma avaliação técnica do estado físico de conservação do parque relativa à sua arquitetura, infraestrutura e questões ambientais e paisagísticas e em estudos acerca dos desafios político-administrativos enfrentados, que correspondem de forma geral, a recursos financeiros e uma gestão apropriada.

Palavras-chave: Núcleo Histórico, Espaço Público, Horto Botânico, Gestão, Intervenção Urbana.

ABSTRACT

The Horto dos Contos Natural Municipal Park, known as Horto Botânico Urban Park and Vale dos Contos, for forming a broad set that unites these two regions, was inaugurated in 2008 by the Monumenta program and developed by the Institute of National Historical and Artistic Heritage (IPHAN) in conjunction with the Municipal Government of Ouro Preto (PMOP), in the city of Ouro Preto - Minas Gerais. The park was consolidated as a leisure and rest space in the Historic Center of the city, a region lacking green public spaces and active leisure, in 2015 for political and environmental reasons had its activities suspended and closed to the public. Given the importance that the park has achieved on a municipal scale, being attractive to the community and tourists, it is considered necessary to reactivate it. To this end, this work indicated intervention measures for the recovery of its structure and a management proposal that corresponds to its reopening and proper functioning. The indications were based on a technical assessment of the physical state of conservation of the park with respect to its architecture, infrastructure, environmental and landscape issues, and on studies on the political and administrative challenges it faces, which generally correspond to financial resources and appropriate management.

Keywords: Historical Center, Public Space, Botanical Garden, Management, Urban Intervention.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. DE HORTO BOTÂNICO AO CONCEITO DE PARQUE URBANO	9
2.1 O Horto Botânico de Vila Rica	9
2.2 Contribuições e Propostas do século XX	12
3. O PARQUE URBANO DO SÉCULO XXI	21
3.1 Características da área e contexto para a criação do parque	21
3.2 Desafios pré-funcionamento e consequências projetuais	25
3.2.1 Delimitação do parque	26
3.2.2 Acessos	26
3.2.3 Questões ambientais	27
3.2.4 Desapropriações	27
3.3 O projeto alcançado	29
3.4 Período de funcionamento do parque e seus impactos para dinâmica urbana	32
3.5 Suspensão das atividades: razões ambientais e políticas	36
4. SITUAÇÃO ATUAL E DESAFIOS DE REABERTURA	38
5. AVALIAÇÃO TÉCNICA DO ESTADO ATUAL E RECOMENDAÇÕES DE INTERVENÇÃO.....	43
5.1 Análise atual do entorno.....	45
5.2 Análise da setorização interna do parque	47
5.3 Observação do usuário quanto as sensações de ver, ouvir, sentir, cheirar	48
5.4 Análise das mensagens administrativas	53
5.5 Diagnóstico do estado dos equipamentos arquitetônicos, de lazer, infraestrutura e questões ambientais e paisagísticas	54
5.5.1 Equipamentos arquitetônicos	54
5.5.2 Equipamentos de lazer	68
5.5.3 Infraestrutura	72
5.5.4 Questões ambientais e paisagísticas	75
6. PROPOSTA DE GESTÃO	81
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

1. INTRODUÇÃO

O incentivo a inserção de espaços públicos verdes no meio urbano dos núcleos históricos brasileiros surgiu com a criação dos passeios públicos e jardins botânicos no final do século XVIII. Porém a valorização destes espaços nas cidades brasileiras se deu a partir da segunda metade do século XX com os parques urbanos, equipamentos essenciais à qualidade da vida urbana contemporânea, representando lugares destinados ao lazer, descanso e ao contato com a natureza¹.

Os parques urbanos são espaços públicos que podem fornecer à sociedade uma diversidade de uso, abrangendo funções ambientais, culturais, educativas, comerciais e recreativas; e garantir a interação social, liberdade e democracia. Além disso, uma liderança pública eficaz capaz de gerir o espaço e a concepção de sua estrutura por materiais de qualidade, adequados à sua realidade contribuem para sua vitalidade. Ressalta-se ainda que a participação popular é de extrema importância para a gestão e manutenção dos espaços públicos².

Sob este contexto, durante o período colonial, em Ouro Preto foi implantado em sua região central um horto botânico, que apesar de não ter sobrevivido ao tempo, se estabeleceu em uma região que foi capaz de abrigar um parque urbano aberto ao público no século XXI.

O capítulo 2 é dedicado a abordagem do espaço onde se implantou o Horto Botânico de Vila Rica, e da área adjacente mais abaixo, conhecida como Vale dos Contos que séculos mais tarde foi objeto de propostas de implantação de um parque urbano agregando as duas áreas. O Horto era destinado ao cultivo de espécies nativas e exóticas, sob o objetivo de expansão do estudo científico e desenvolvimento econômico, até que sofreu um processo de precarização o que acarretou no encerramento das atividades, ainda na primeira metade do século XIX. O local sofreu um grande período de abandono voltando a ser objeto de interesse na segunda metade do século XX quando se introduziu conceito de parque urbano na cidade de Ouro Preto. Neste momento, a cidade havia conservado uma arquitetura, traçado urbano e paisagem que lhe garantiu títulos patrimoniais, além

¹ BONDUKI, 2012

² BIENNIAL OF PUBLIC SPACES. Charter of Public Space. Istituto Nazionale di Urbanística, 2013.

disso, estava inserida em novos processos de dinâmica urbana influenciados pela instalação de indústrias e importantes instituições educacionais. Dessa forma emergiam questões acerca da preservação do patrimônio, turismo e planejamento urbano.

Dentre as diversas diretrizes para a cidade discutidas nesse momento, apontou-se a região do antigo Horto Botânico de Vila Rica e área adjacente abaixo, denominada de Vale dos Contos, como regiões que poderiam se unir formando um conjunto transformado em um parque público. Surgiram assim propostas de autoria dos arquitetos Viana de Lima, Jorge Askar, Lúcio Costa e Eduardo Villaescusa, que apesar de terem apresentado importantes contribuições, essas não foram executadas de modo a conceber um parque aberto ao público. A ação só foi empreendida com o projeto denominado “Recuperação e tratamento paisagístico do Horto Botânico e Vale dos Contos”, desenvolvido em 2008 pelo programa Monumenta.

Resultado deste projeto se tem o Parque Natural Municipal Horto dos Contos³, localizado numa ampla área verde localizado na região central de Ouro Preto, principal centralidade da cidade desde sua origem, que detém um conjunto arquitetônico e paisagístico de importante valor cultural, artístico e histórico, que lhe garantiu importantes títulos patrimoniais. O capítulo 3 é dedicado ao parque construído, que conta com uma área de aproximadamente 36 mil metros quadrados de ampla massa vegetativa agregada a espaços destinados ao lazer e contemplação. Muitos conflitos estiveram presentes durante o planejamento e execução do mesmo, porém, quando em atividade, conseguiu abrigar diferentes projetos de esporte, educação, cultura e saúde que ressignificaram o espaço, unindo qualidade vida dos moradores ao turismo.

Esse aspecto é muito relevante, porque em Ouro Preto, assim como em várias cidades preservadas, a conservação de edifícios e as regras patrimoniais são ainda vistas por parte dos moradores como um obstáculo para o desenvolvimento e a modernização, impedindo-os de ter acesso a benefícios corriqueiros em outras cidades (BONDUKI, 2012, p. 220).

A partir da análise do Centro Histórico, é possível perceber os usos que o Parque foi capaz de suprir. Vemos que ele se comporta como uma área de concentração de serviços e comércios e repletos de monumentos atrativos turísticos, além disso, é

³ O Parque teve seu nome alterado, em 2015, de Parque Horto dos Contos para Parque Natural Municipal Horto dos Contos para adequá-lo a Lei Federal nº 9.985 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Para este trabalho, será tomado como referência seu nome popular de Parque Urbano Horto Botânico e Vale dos Contos.

composto por praças e largos que assumem protagonismo como espaços públicos apenas em eventos específicos promovidos esporadicamente, não representando um lugar de apropriação por parte dos moradores no cotidiano, e sim obtendo seu uso frequente associado a espaços de passagem de pedestres e estacionamentos⁴. A ampla área verde, os equipamentos de lazer e mobiliários presentes no parque representam um diferencial perante aos demais encontrados no Centro.

Por razões ambientais e político-administrativas o parque suspendeu parcialmente suas atividades no ano de 2013, e totalmente em 2015, até que atualmente, no ano de 2019, houve um empenho concreto em prol de sua reabertura. O capítulo 4 refere-se à situação atual em que o parque se encontra e seus desafios de reabertura; descreve que, embora se encontre fechado ao público, algumas atividades continuaram a ser desenvolvidas por diferentes públicos de forma autônoma em uma porção do espaço, evidenciando a importância do local para a cidade. Além disso, traz uma análise dos serviços de reforma em andamento para sua pretendida reabertura e expõe seus desafios ainda a serem superados como a falta de recursos financeiros e modelo de gestão.

Conhecidos o histórico e a atual situação do parque, julgou-se necessária uma avaliação do espaço. O capítulo 5, então, analisa seu atual contexto e dinâmica na qual ainda está inserido, sua setorização interna e aborda seu estado de conservação atual, apresentando um diagnóstico dos principais problemas e patologias desenvolvidas como consequência da falta de manutenção do local desde seu fechamento. Conceberam-se, então, diretrizes interventivas que buscassem contemplar todos os aspectos do parque que merecem recuperação.

Percebe-se que a recuperação de sua estrutura física é apenas uma das etapas que compõem seu processo de reabilitação. Dessa forma, o capítulo 6 aborda como o interesse e recursos financeiros do setor público influenciam diretamente na vitalidade do parque. Dessa forma, indica-se um modelo gestão acreditado como eficaz para a realidade do parque como forma de prosperar seu funcionamento quando reaberto ao público.

⁴ ARAÚJO, 2018.

2. DE HORTO BOTÂNICO AO CONCEITO DE PARQUE URBANO

2.1. O Horto Botânico de Vila Rica

A atual cidade de Ouro Preto possui seu descobrimento datado de 1698 e fundação em 1711, mediante sua elevação à condição de vila com o nome de Vila Rica d' Albuquerque. Surgiu do conjunto de arraiais que se desenvolviam em torno das encostas e córregos impulsionados pela atividade mineradora, sobretudo pela exploração aurífera, formando o trajeto nomeado caminho-tronco⁵. A malha urbana seguia um traçado irregular composto por vias de circulação majoritariamente íngremes e estreitas, quanto ao conjunto edificado, se faziam presentes as edificações destinadas ao uso residencial e comercial, capelas ou igrejas, importantes símbolo religioso de caráter primordial na consolidação de um arraial e, conforme crescia e se intensificavam as atividades e fluxos no espaço, se investia em construções cívicas e administrativas e equipamentos urbanos como pontes e chafarizes melhor estruturados.

Como parte da configuração que a cidade se assumia, destacam-se os espaços públicos que se formavam nos vazios urbanos, sendo eles os adros das igrejas, os largos e praças⁶. Estes eram “palco” das principais atividades mercantis, manifestações religiosas, culturais e cívicas presentes na vida da sociedade local. As praças e largos, morfologicamente, eram áreas abertas, pavimentadas e sem a presença de elementos naturais, se configurando como praças secas. A presença de áreas verdes em maior expressão dentro do núcleo urbanizado se dava nos fundos dos edifícios privados e públicos, formando os chamados quintais, ou “miolos de quadra”, quando o traçado configurava quarteirões.

Os lotes residenciais de tipologia colonial eram característicos por serem estreitos e profundos, as edificações concentradas na porção frontal, não possuíam afastamento frontal com a rua em que se localizavam e tampouco laterais com os demais lotes. Os fundos, então, representavam a porção permeável destinada ao cultivo de jardins, pomares e hortas. Já na porção não urbanizada haviam as áreas naturais não intervindas, e o contato

⁵ VASCONCELLOS, 1977

⁶ ARAÚJO, 2018

mais próximo do homem com a natureza se dava por meio da presença de lagos, cachoeiras, e bosques que influenciavam práticas como pesca, caça e banho.

O interesse por espaços ajardinados públicos aparece de forma mais expressiva no território colonial no final do século XVIII e início do XIX com as iniciativas da construção dos passeios públicos e dos jardins botânicos. O conhecimento científico ganhava importância e sob esta influência foram introduzidos, na colônia, estudos acerca da mineralogia e da botânica, sendo assim, o primeiro jardim botânico inaugurado no Brasil foi o da cidade de Belém, em 1796, e o segundo o Horto Botânico de Vila Rica, em 1799, posteriores a estes dois primeiros foram instituídos os do Rio de Janeiro, Olinda, Salvador, Goiás e São Paulo⁷.

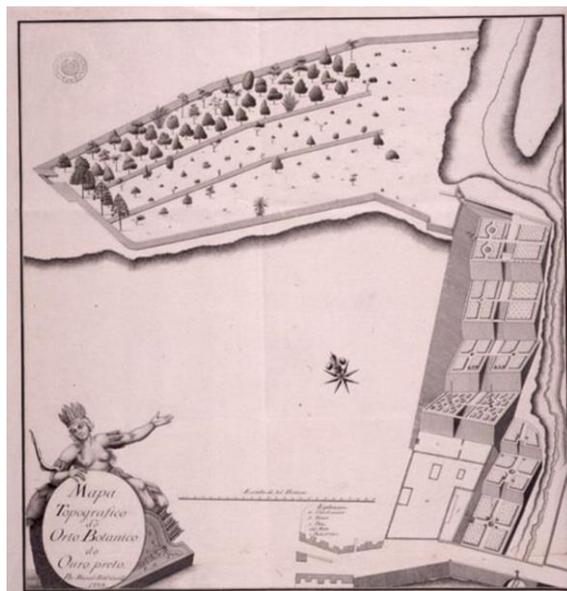
O planejamento e funcionamento do Horto Botânico de Vila Rica estiveram sob o comando de Joaquim Veloso de Miranda, que dedicava estudos nas áreas de botânica, química e mineralogia, e operava como naturalista subordinado à Coroa Portuguesa. Este foi o primeiro diretor do Horto, somando-se ao seu cargo de Secretário de Governo da Capitania de Minas Gerais; dessa forma, atuava intensamente em todo território mineiro. Durante os trabalhos executados contou com auxílio de Luiz José de Godoy Torres, médico e filósofo natural, que se dedicava à aclimação de espécies nativas medicinais, e com Manuel Ribeiro Guimarães, o qual concebeu o desenho do Horto⁸.

Segundo Maia (2014), o terreno definido para locação do Horto era pertencente à residência do Tenente-Coronel José Pereira Marques, situada na atual Rua São José, ao lado da Casa dos Contos, tratando-se de um bem particular, apropriado pelo governo em prol de seus interesses. Implantado sobre um terreno íngreme adjacente ao Córrego dos Contos, o Horto se estruturava por meio de sete patamares, organizados na porção lateral direita e aos fundos da edificação. Esses eram destinados a canteiros regulares e alinhados entre si; interligados por escadas; e contavam com repuxos e uma fonte. Já mais ao fundo, localizados posteriormente aos canteiros, havia o campo ocupado por uma mata com presença de árvores e plantas de porte e espécies variadas; era diferenciado por três patamares em pedra que assumiam função frutífera e utilitária (Figura 1).

⁷ BONDUKI, 2012

⁸ MAIA, 2014

Figura 1 – Configuração do Horto Botânico de Vila Rica



Fonte: Maia, 2014.

A Coroa Portuguesa objetivou promover estudos acerca da flora nativa e estrangeira e estimular o cultivo de espécies ornamentais, frutíferas, utilitárias e medicinais de valor econômico. Veloso se encarregou de reunir diversas espécies presentes em diferentes localidades do território da Capitania de Minas Gerais, e após seleção, ambienta-las no Horto para cultivo e produção de sementes.

Embora os recursos destinados à manutenção e preservação do Horto eram escassos, o mesmo apresentou boas condições até o início do século XIX resultado do trabalho desenvolvido por Veloso, que ia de encontro com a política iluminista introduzida como necessária para a prosperidade dos núcleos urbanos. Veloso, porém, deixa o seu cargo de secretário da Capitania em 1805, a ser assumido por João José Lopes Mendes Ribeiro, chegado de Lisboa e, em 1816, registra-se seu falecimento. Desde então, o Horto Botânico de Vila Rica tem seu funcionamento encerrado e é marcado por anos de abandono⁹.

A partir do início do Brasil Império, há um novo incentivo a espaços públicos verdes e maior estímulo e movimento à criação de jardins botânicos na primeira metade do século XIX. Sob este contexto, em 1825 é inaugurado o Jardim Botânico de Ouro Preto, localizado no atual bairro Passa-Dez de Cima, encontrando-se afastado da região central histórica. Sob a diretoria de Fernando Pereira de Vasconcelos, formado em

⁹ MAIA, 2014

ciências naturais, a principal produção ativa no Jardim era a do cultivo de chá e, além disso, o Jardim adquiriu a função de lazer¹⁰. Apesar dos períodos de ascensão, o Jardim passou por fase de estagnação até entrar em declínio e não sobreviveu ao final do século XIX.

Ressalta-se que, elevada a condição de cidade Imperial de Ouro Preto em 1823, a cidade apresentou outros incentivos a espaços públicos verdes como os jardins da Praça da Independência, atual Praça Tiradentes. Araújo (2018) destaca que caracterizado como passeio público, este apresentava menor escala que os europeus e percebe-se, além disso, que o espaço não possuía estruturas de apropriação. Complementa, ainda, que ele “aparentemente, manteve-se como um elemento majoritariamente estético na praça e observamos que após sua demolição não foram mais produzidas iniciativas como essa na cidade”. (ARAÚJO, 2018, p. 307).

O Horto Botânico de Vila Rica surgiu em meio ao período de expansão que a cidade se encontrava no século XVIII, porém como visto, este possuiu um curto período de atividade o que ocasionou seu abandono no início do século seguinte, e apesar de posteriormente surgirem novos espaços públicos ajardinados estes também sofreram com o descaso público. Durante o século XIX a cidade passou por uma desaceleração do desenvolvimento urbano, a situação era de esgotamento de recursos minerais e surto de epidemias, não havendo impulsos ao crescimento econômico e populacional¹¹. Dessa forma, em 1897 a capital de Minas Gerais é transferida para a atual cidade de Belo Horizonte, o que resultou para Ouro Preto migração da população e escasses de investimentos, como resultado a cidade teve seu conjunto urbano, arquitetônico e paisagístico pouco modificado e conseqüentemente o espaço que abrigou o Horto não sofreu novas ocupações, sendo objeto de discussão somente na segunda metade do século XX.

2.1 Contribuições e propostas do século XX

Como visto anteriormente, o final do século XIX representou um período de alta decadência para a cidade de Ouro Preto, que teve seu conjunto pouco alterado. Já no início do século XX, emergiam questões relacionadas a patrimônio histórico, monumento e

¹⁰ MAIA, 2014

¹¹ INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL – IPAC Ouro Preto – Minas Gerais. Inventário Centro. Secretária Municipal de Cultura e Patrimônio. Ouro Preto, 2010, p. 238-1677.

conservação representando um período de ações concretas em prol das cidades históricas brasileiras.

Na primeira metade do século XX, a cidade consolida um conjunto arquitetônico, urbano e paisagístico que lhe garante importantes títulos protetoriais¹². Já na segunda metade século, emergiam novas dinâmicas na cidade que acarretaram um novo processo de desenvolvimento, a instalação de uma nova indústria e equipamentos educacionais impulsionaram a expansão da cidade ao sul e o crescimento populacional. Dessa forma, no final da década de 60, quando o DPHAN¹³ demanda transformações que visassem melhorias na sua atuação em prol da preservação das cidades históricas, se estabelece uma parceria do órgão com a UNESCO¹⁴ com o objetivo estabelecer diretrizes de proteção do patrimônio e desenvolvimento turístico.

O arquiteto português Alfredo Evangelista Viana de Lima foi destinado para os trabalhos a serem desenvolvidos em Ouro Preto e entre os anos de 1968 e 1969 elabora dois relatórios que visam à valorização e preservação da cidade preocupando-se também em apresentar soluções para os novos processos e conceitos urbanos que a cidade estava inserida¹⁵. O primeiro relatório de Viana de Lima continha as diretrizes da sua proposta divididas em planos. No de número 11, ao tratar das áreas verdes e não edificadas, ele indica que o espaço que abrigava o antigo Horto Botânico de Vila Rica poderia ser integrado à porção linear mais abaixo, denominada Vale dos Contos, sugerindo então o potencial para a configuração de um parque municipal, mantendo-o livre de novas construções. Sua proposta contava com a inserção de museus, sendo destaque o Museu da Botânica, teatros e hotéis; para este primeiro, ele sugere o resgate do antigo Horto; preservando as espécies que ali ainda sobreviviam, e sugeriu Burle Marx para ser responsável por esse paisagismo que deveria integrar o parque à configuração urbana.

¹² Ouro Preto foi declarada Monumento Nacional em 1933, tombada pelo IPHAN em 1938 e declarada pela UNESCO como patrimônio mundial em 5 de setembro de 1980, sendo o primeiro bem cultural brasileiro inscrito na Lista do Patrimônio Mundial. Fonte: PORTAL DO IPHAN. Centro Histórico de Ouro Preto (MG). Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

¹³ Em 1937, inaugurava-se o SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, primeira designação dada à autarquia federal, transformada em DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1946 e desde 1979 até atualmente, IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

¹⁴ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

¹⁵ KOPPKE, 2015.

Figura 2 – Planta de localização do Museu da Botânica



Fonte: Koppke, 2015

Já o segundo relatório, teve por objetivo avançar as diretrizes iniciais. Sua proposta se baseia na reconstituição da área do antigo Horto Botânico considerando as espécies sobreviventes e se estendendo acima até a região da Igreja de São Francisco de Paula, e abaixo até o bairro Pilar, região do Vale dos Contos (Figura 3).

Figura 3 – Expansão da região do antigo Horto



Fonte: Koppke, 2015. Modificado pela autora.

O plano de número 08 também merece destaque ao tratar das edificações ditas como impróprias, as quais deveriam ser substituídas, alteradas ou demolidas. Na região

do Vale dos Contos, é dada atenção aos fundos Cine do Vila Rica ¹⁶ que se encaixa nesta diretriz (Figura 4).

Figura 4 – Fundos do Cine Vila Rica, em amarelo, a ser intervindo



Fonte: Koppke, 2015. Modificado pela autora

Além disso, no interior do Vale, Lima indica duas edificações que deveriam passar pelo mesmo processo, localizadas ao lado de dois campos de futebol (Figura 5) sem boas estruturas, utilizado por moradores do entorno, principalmente aqueles das repúblicas cujo fundos davam para esta área. Ressalta-se que, neste momento, tanto o campo quanto as edificações não sofreram alteração sendo, os mesmos, objetos de intervenção significativa quando executado o projeto do programa Monumenta no início do século XX, o qual será tratado com mais detalhes no próximo capítulo.

Figura 5 – Edificações, em amarelo, a serem intervindas



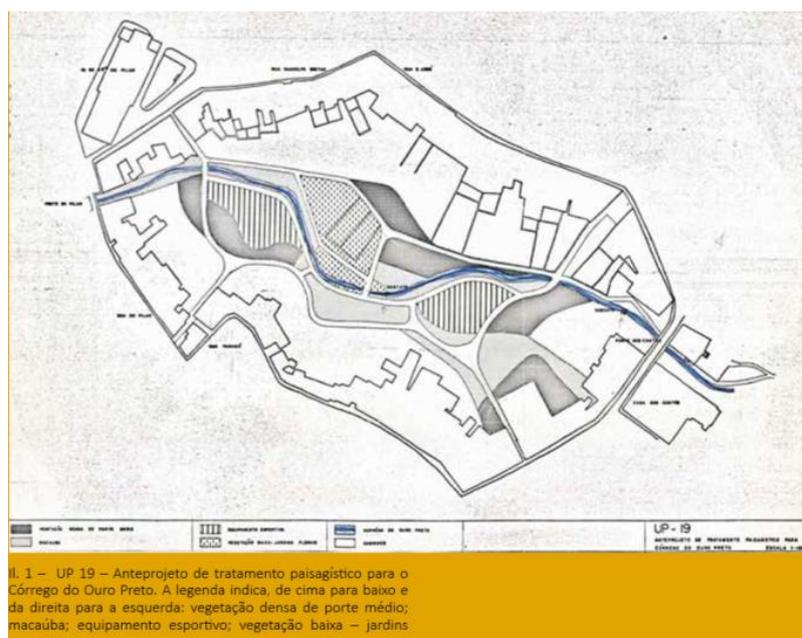
Fonte: Koppke, 2015. Modificado pela autora

¹⁶ O Cine Vila Rica foi instalado no final na década de 50 em uma edificação eclética já existente antes destinada ao Liceu de Artes e Ofícios. A edificação sofreu o aumento dos fundos, alteração autorizada pelo DPHAN, para abrigar um auditório para 650 pessoas; o que modificou significativamente a paisagem encontrada aos fundos.

Não executadas as diretrizes anteriores, o espaço volta a ser discutido em 1973 no “Plano de conservação, valorização e desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana”¹⁷, a partir de um acordo entre IPHAN, IEPHA-MG¹⁸, as prefeituras de Ouro Preto e Mariana e a Fundação João Pinheiro - FJP¹⁹. Na seção de proposições do Plano, os espaços públicos são diferenciados como Unidades de Proposição (UPs) e para cada um deles utiliza-se de um sistema de classificação por meio de uma fórmula matemática se avalia a relevância paisagística do espaço público, seu valor de observação, e seu nível de descaracterização.

Destaca-se a Unidade de Proposição 19 (UP 19), “Córrego de Ouro Preto, abaixo da Ponte dos Contos”, localizada na área do Vale dos Contos. Como diretriz principal do projeto tinha-se que o local deveria ser destinado a um jardim para lazer e repouso e para além de sua limitação se propôs intervenções nas ruas próximas como a São José, do Pilar e Randolpho Bretas (Figura 6).

Figura 6 – Anteprojeto para a UP 19



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.

¹⁷ Para sua concepção dele utilizou-se o relatório “O lazer em Ouro Preto e Mariana”, pelo qual se constatou a necessidade de equipamentos de lazer para os moradores da cidade.

¹⁸ IEPHA-MG: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - criado pelo Governo do Estado em 30 de setembro de 1971.

¹⁹ Instituição de pesquisa e ensino vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais.

Anos mais tarde, a mesma FJP estabelece um novo convênio com o IEPHA-MG, entre as medidas previstas, fica a cargo de o arquiteto Jorge Abdo Askar avançar nas diretrizes para a UP 19 concebidas anteriormente e prever a instalação do denominado Parque José Tarquínio Barbosa de Oliveira. O próprio arquiteto se responsabilizou em conhecer pessoalmente todas as edificações ao redor do Vale, ele apontou a necessidade de recuperação dos quintais privados, com criação de hortas e pomares, responsáveis pela transição do espaço público do Parque e o privado dos edifícios ao redor. E, além disso, apontou a divisão de todo terreno em zonas caracterizadas de acordo com as espécies e as condições de solo encontradas. Ainda quanto aos aspectos ambientais, apontou a necessidade de análise da qualidade da água do Córrego dos Contos e um projeto de drenagem pluvial e esgoto.²⁰

Pensando no programa do parque, indicou a localização interna de onde deveriam ser erguidas a administração, os vestiários e sanitários públicos, a implantação de uma rede de trilhas que permitiria acesso dos quintais privados das edificações ao caminho principal interno do parque. As trilhas deveriam seguir o tecido original e receberiam tratamento em pedras; em certos pontos deveriam ser expandidas para uso contemplativo, ou de lazer do público infantil: “nelas, distribui-se mobiliário básico, como bancos de pedra, caixas de areia e peças de sucata para montagem pelas próprias crianças” (Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016, p. 99). Embora todo trabalho o desenvolvido e algumas intervenções efetuadas, o projeto, como um todo, não fora executado.

Já nos primeiros anos da década de 80, o arquiteto modernista Lúcio Costa chegara à cidade de Ouro Preto com o objetivo de se estabelecer um projeto de readequação da área do antigo Horto de Vila Rica, tendo como referências os resquícios ainda encontrados no local e seu projeto original; e instalação de equipamento de lazer na região do Vale como apresentado por Askar. A região do Vale seria destinada ao trânsito de pedestres, fazendo ligação com diferentes pontos atrativos da cidade, onde deveriam conter equipamentos de lazer como um anfiteatro levando em consideração o cenário natural existente; já a região do antigo Horto seria destinada aos estudos de botânica, com plantio de diversas espécies interessantes ao desenvolvimento de pesquisas com retorno à toda a comunidade. Quanto a essa última, se constatou diversos problemas a serem sanados: de ordem ambiental têm-se a instabilidade do solo, falta de canalização das redes

²⁰Fonte: Jardins históricos: intervenção e valorização do patrimônio paisagístico/ Organização de Ana Pessoa, Douglas Fasolato -- Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016. 359 p.: il.

e grande acúmulo de lixo; além disso, a definição dos limites entre o que era público e o que era privado eram dificultados diante das condições do terreno encontradas, somadas à falta de documentações válidas e precisão nos dados levantados²¹.

Para melhor reconhecimento dividiu-se a área em questão em sete subáreas (Figura 6) de acordo com características semelhantes. Como intervenção foram sugeridas desapropriação de imóveis privados localizados nas subáreas D e E enquanto alguns edifícios públicos poderiam ser negociados de modo a serem integrados com o parque. Além disso, apontou-se a necessidade de ações com a população com o objetivo de conter a deposição de lixo em local inapropriado indicando ainda coleta e aterro do material.

Figura 6 – Subáreas da região do Horto Botânico



Fonte: Koppke, 2017.

Porém, mesmo que financiadas pela Fundação Roberto Marinho²², e com apoio da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, poucas intervenções foram executadas, pois não havia montante de capital o suficiente para todo o projeto. A última proposta de intervenção do século XX surgiu no final dos anos 90, sob o nome o “Projeto de Recuperação e Tratamento Paisagístico do Horto Botânico e Vale dos Contos”, mesmo nome dado ao projeto executado mais tarde pelo Monumenta.

²¹ KOPPKE, 2017

²² Entidade brasileira privada sem fins lucrativos, que desenvolve atividades nas áreas da educação, patrimônio e meio ambiente.

Contratado pela Fundação Gorceix ²³, o arquiteto espanhol Eduardo Villaescusa e sua equipe introduzem uma nova proposta, para a região do Vale dos Contos, se diferenciando das demais desenvolvidas até então.

Sua proposta consistia no ideal de que a concentração comercial e de serviços consolidada nas ruas São José, Paraná e a Praça Reinaldo Alves de Brito (Largo do Cinema) deveriam ser expandidas para além das fachadas frontais atingindo os fundos dos lotes que fazem divisa com o Vale, criando-se um eixo comum entre as edificações, estruturado por plataformas que impulsionariam a atividade comercial e turística (Figura 7). A ligação entre os edifícios e as plataformas se daria por passarelas, podendo ser utilizadas rampas e escadas em caso de desnível; já o acesso para o parque seria feito por caminhos que se ligariam ao eixo principal do mesmo - pavimentado ele levaria até os equipamentos e elementos previstos²⁴.

Figura 7 – Proposta de Villaescusa para o Vale dos Contos



Fonte: Koppke, 2017.

Dentro do Vale previa-se o tratamento do Córrego dos Contos com sua limpeza e paisagismo, canalização das redes pluviais e de esgoto, adequação de um dos campos de futebol presente e transformação do outro em praça protegida por pergolado de madeira.

²³ Instituição privada, sem fins lucrativos e ligada a Escola de Minas, da Universidade Federal de Ouro Preto, que objetiva o incentivo a atividades científicas e tecnológicas de diferentes áreas culturais e educativas.

²⁴ KOPPKE, 2017.

Também foi proposta a reforma das edificações localizadas no interior do Vale, já referenciadas por Viana de Lima, transformando-as em equipamentos como sanitários, depósito, guarita de vigilância e bar.

O projeto das plataformas representava uma inovação quanto aos materiais empregados, os pilares de aço corten seriam construídos em diversas formas e combinariam com os pisos de madeira da própria plataforma e das áreas de circulação se adequando a paisagem natural existente. Porém o projeto não foi executado por sua composição representar uma intervenção visualmente grosseira perante os modelos aceitos pela Prefeitura Municipal da cidade e pelo IPHAN diante do valor patrimonial do espaço.

O século XX foi marcado por um novo desenvolvimento da cidade, a transformação do espaço do Horto Botânico e Vale dos Contos em um parque urbano ia de encontro às diretrizes que objetivavam o planejamento urbano da cidade, mas acredita-se na hipótese de que as propostas não foram executadas por falta de recursos necessários e ainda acredita-se no fato de que o espaço que abrigou o antigo Horto de Vila Rica permaneceu como um local vedado a novas ocupações de acordo com sua valorização histórica e patrimonial.

3. O PARQUE URBANO DO SÉCULO XXI

Como visto no capítulo anterior, a região do Horto Botânico e a do Vale dos Contos, foram diversas vezes discutidas, sendo objetos de propostas interventivas ao longo de muitas gestões. Embora não tenham sido desenvolvidas, influenciaram diretamente na composição atual, podendo-se dizer que as elas foram avançando em níveis de abordagem em prol de um objetivo comum: a criação de um espaço de lazer no Centro Histórico de Ouro Preto. O antigo Horto Botânico não foi introduzido no projeto de fato executado no local, mas não deixou de ter sua relevância histórica e potencial de recuperação apontado até os dias atuais.

Em 2008, enfim é inaugurado um parque urbano aberto ao público, este merece destaque por unir as duas regiões - o horto e o vale, formando um amplo conjunto verde, e ser um espaço de contemplação e lazer ativo no Centro Histórico. Com o nome oficial de Parque Municipal Natural Horto dos Contos, o mesmo atravessou períodos de conflitos ambientais e de gestão, até que teve suas atividades suspensas totalmente em 2015, sendo iniciadas obras para sua reforma apenas em novembro de 2019.

3.1 Características da área e contexto para criação do parque

A partir da iniciativa do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em parceria com o Ministério da Cultura, em 1995 iniciou-se a elaboração do Programa Monumenta. O programa deveria intervir em espaços e edificações históricas visando à preservação dos bens e a valorização do turismo como forma de incentivo à economia²⁵. Em Ouro Preto, o programa atuou na restauração de imóveis tombados tanto públicos, quanto privados, na recuperação de espaços públicos como pontes e largos e na implantação de um novo mobiliário urbano e nova sinalização; além disso, patrocinou projetos artísticos culturais no âmbito do patrimônio imaterial. Seu projeto âncora foi o denominado “Recuperação e tratamento paisagístico do Horto Botânico e Vale dos Contos”, considerado o projeto mais significativo realizado na cidade, e também

²⁵ Em 2005, o objetivo do programa era o alinhamento entre preservação do patrimônio histórico, desenvolvimento local, com geração de emprego e renda e estímulo à inclusão social. Além disso, e uma das premissas era a participação popular durante seu processo de implantação.

considerado o primeiro parque contemporâneo em centro histórico a ser realizado no Brasil.

O projeto possibilitou a criação de um parque urbano destinado ao lazer e descanso inserido em um Centro Histórico de grande valor patrimonial, onde se encontram espaços públicos como praças, largos e pontes, e que apresenta inúmeros monumentos e casarões coloniais que, além de residências, abrigam as principais atividades comerciais e de serviço da cidade. O local se caracteriza-se então, pelo constante turismo, importante atividade econômica da cidade, e pelo alto fluxo de moradores, mediante concentração das atividades cotidianas nesta área. Por outro lado, representa um espaço de crescente gentrificação, carente de equipamentos de lazer destinados à recreação, e de progressivo adensamento, o que pressiona pela edificação das áreas verdes ocupáveis ainda existentes.

Em 22 de Junho de 2008, a partir da parceria entre o IPHAN e Prefeitura Municipal de Ouro Preto, inaugurava-se o parque, mas os estudos acerca de sua área para implantação (especificamente desse projeto) se iniciaram por volta de seis anos anteriores a esta data. O parque encontra-se inserido entre os bairros São Francisco, Centro e Pilar, abrange uma área de aproximadamente 36 mil metros quadrados e teve seu custo total avaliado em pouco mais de 3,5 milhões. É formado por duas áreas de distintas origens (o horto e o vale), separadas em seu interior pelo arco sob a Ponte dos Contos, localizada na Rua São José, onde se concentram boa parte das atividades do núcleo histórico, e por onde se é capaz de ter uma visão privilegiada do parque. Ressalta-se que, embora haja diferença entre as áreas, o projeto executado foi capaz de integrá-las de forma que a configurar um amplo conjunto formado por uma grande massa vegetativa, pelo Córrego dos Contos e por novas trilhas e equipamentos.

A área localizada na porção norte do parque é a reconhecida como a região do Horto Botânico; se estende da Ponte dos Contos até a Rua Padre Rolim, em ponto próximo ao Terminal Rodoviário e ao Paço de Misericórdia. De forma geral, representa uma área de grande aclive, de ampla mata densa e onde se tem a nascente do Córrego dos Contos. Já na porção mais ao sul do parque, se tem a área do Vale dos Contos, localizada entre a Ponte dos Contos e Ponte do Pilar. Característica por ser uma área menos acidentada que a do Horto, conforma uma região linear com espaços mais planos e abertos ainda que de traçado irregular, com proximidade ao mesmo Córrego dos Contos, e possui limite em comum com os fundos dos inúmeros lotes que circundam a área, pertencentes

às ruas do Pilar, Paraná, São José, Randolpho Bretas, (popularmente conhecida como Rua da Escadinha), Praça Reinaldo Alves de Brito (Largo do Cinema) e Praça Américo Lopes, próxima a Igreja do Pilar. O parque ainda conta com o acesso pela Rua Vereador Rodrigo Tóffolo, próximo à Escola Estadual Dom Pedro II, localizado a leste (Figura 8).

Figura 8 – Entorno imediato do Parque



Fonte: Mapa Ouro Preto-MG. Google Earth Pro, 2015. Modificado pela autora

Figura 9 – Vista aérea do Parque



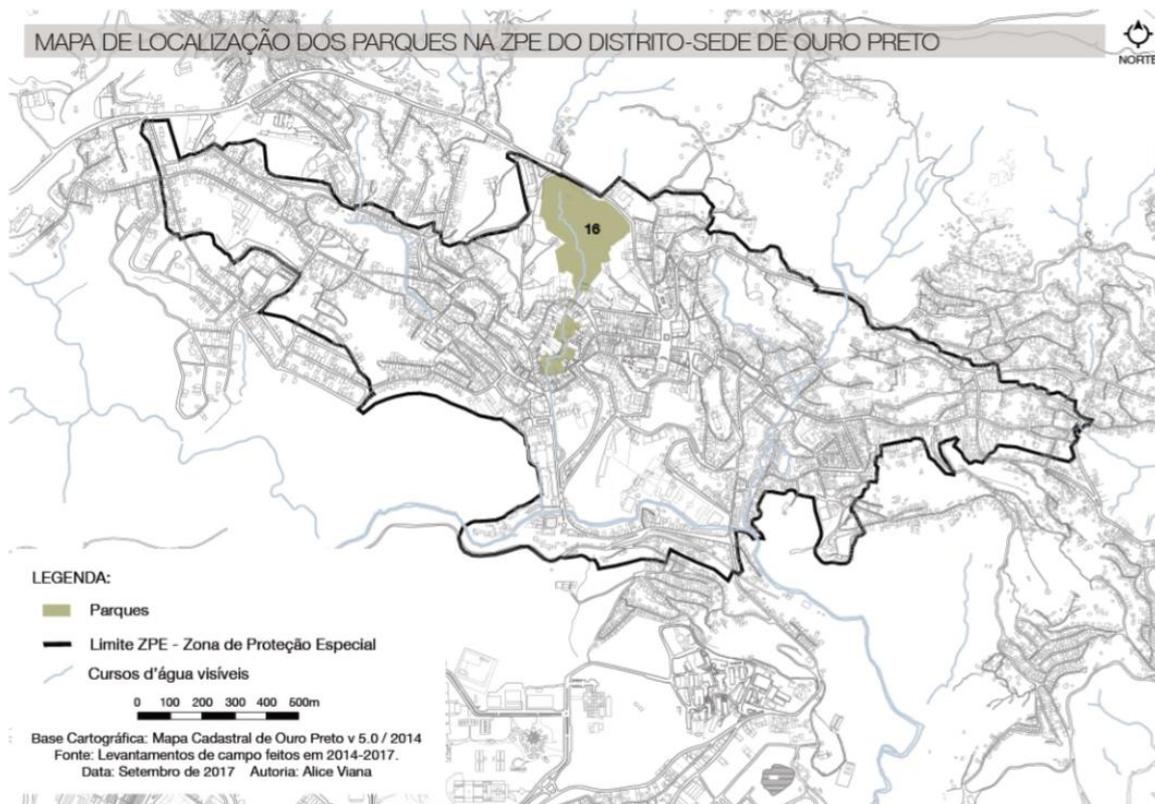
Fonte: Neno Vianna, Arquivo Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2013

O terreno no qual o parque foi estabelecido foi regulamentado, a nível municipal, pela Lei de Parcelamento Uso e Ocupação do Solo como parte de uma ZPE – Zona de Proteção Especial - que “compreende as áreas que contêm os valores essenciais a serem preservados nos conjuntos urbanos, resultantes da presença de traçados urbanísticos originais e de tipologias urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas que configuram a imagem do lugar” (Ouro Preto, 2011). Já na Portaria nº 312 do IPHAN, de nível federal, este é reconhecido como parte da APE - Área de Preservação Especial - que “corresponde ao núcleo de maior concentração de bens de interesse cultural, compreendida pelo arruamento de origem setecentista ou que guarda relação com este, áreas verdes de interesse paisagístico, bens e obras de arte tombados isoladamente, com edificações de construção de diferentes períodos” (Ouro Preto, 2010).

O fato de o terreno fazer parte da ZPE e da APE merece destaque, pois tais classificações garantem restrições de intervenções como modo de assegurar o importante conjunto patrimonial existentes no interior de suas limitações. A região onde o parque está inserido ainda se classifica como uma APP – Área de Preservação Permanente conforme a vigente Lei Proteção da Vegetação Nativa (LPVN) – Lei nº 12.651, o que indica ser uma área que prevê como função ambiental a preservação dos recursos naturais e da biodiversidade, estabilidade do solo, e garantir bem-estar à população.

Nota-se que o parque está inserido em uma área de alta valorização, graças à sua inserção tão integrada à centralidade principal do Centro Histórico e de todo o município. Destaca-se, o fato de que as soluções projetuais fazem com que o parque se conecte bem ao meio, não causando impactos negativos ao espaço e ao seu entorno imediato.

Figura 10 – Localização do parque dentro da ZPE



Fonte: Araújo, 2018

3.2 Desafios pré-funcionamento e soluções projetuais alcançadas

Os estudos na área se iniciaram antes mesmo da assinatura de contratos com os responsáveis pela elaboração e execução do projeto e todo o trabalho desenvolvido no parque, tanto em sua fase de concepção, quanto durante seu período de funcionamento, contou com a atuação de diversos profissionais de diferentes competências. Os trabalhos foram conduzidos pela Unidade Executora de Projeto (UEP) em acordo com o estabelecido no Monumenta, em conjunto com a Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano (SMPDU), Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA), com Escritório Técnico do IPHAN de Ouro Preto (ETIOP), a equipe do escritório ARCHI 5 Arquitetos Associados (responsável pela elaboração dos projetos arquitetônicos, paisagístico e infraestruturais, que teve contrato assinado em março de 2003) e a empresa Total Engenharia e Empreendimentos Ltda (responsável pela execução das obras,

contratada em agosto de 2006). Diante da natureza e complexidade dos problemas encontrados, houve a necessidade de inclusão de outros órgãos e corpo competente nas discussões e soluções, como a Secretaria Municipal de Obras e Urbanismo (SMOU), o prefeito do município na época, Ângelo Oswaldo, a presidência do IPHAN, e a Procuradoria Geral do Município.

3.2.1. Delimitação do parque

Em um primeiro momento se fez necessário estabelecer os limites da área do parque para que ele de fato assumisse seu caráter público, fazendo com que a propriedade do terreno delimitado passasse de privado para de posse do Estado.

Os lotes das edificações do entorno, possuem a tipologia colonial preservada: estreitos e profundos, com a edificação na porção frontal sem presença de afastamentos frontal e lateral e, aos fundos, a porção permeável. Koppke (2017) afirma que os fundos verdes, antes destinados ao cultivo de jardins, pomares e hortas, assumiram aspecto de áreas residuais, sendo locais de despejo inapropriado de lixo e com relativa instabilidade do solo. Aponta também, que as fachadas posteriores, também mereceram atenção devido às péssimas condições de conservação apresentadas e por sofreram ampliações não regulamentadas e ainda que a determinação do limite do que seria público ou privado também foi dificultada, uma vez que grande parte dos proprietários não obtinha a documentação necessária para comprovação da propriedade. Ressalta-se, a partir destas informações, que com a inserção do parque estas fachadas receberiam uma nova e maior visibilidade, se tornando perceptíveis aos usuários do bem público, dessa forma, interferiam na paisagem oferecida do interior do parque para o exterior.

Quando estabelecida a delimitação do parque, afirmou-se o limite físico estabelecido entre o público e o privado por meio de grades em aço cortain²⁶. Quanto às fachadas posteriores, não foram executadas medidas de reparação dos danos até a conclusão das obras (em sua maioria).

3.2.2 Acessos

O projeto trazia quatro alternativas de acesso ao parque, sendo um deles proposto pela Ponte dos Contos, local marcado pela transição das duas regiões do parque e de visão

²⁶ Todo o limite do parque recebeu a estrutura de demarcação que atuava também como elemento de segurança na transição do meio externo com o interno, uma vez que, há regiões que apresentam um alto desnível entre o entorno e o interior parque.

privilegiada deste; no entanto, esse acesso não foi executado. Seria necessária uma severa intervenção na ponte, tombada pelo patrimônio e, como alternativa, foi sugerido um acesso pela Casa dos Contos. Este, porém, também não foi bem aceito a priori, executando-se então três acessos formais pelas ruas Padre Rolim, Vereador Rodrigo Tófolo e Praça Américo Lopes, abrangendo os bairros São Francisco, Centro e Pilar.

3.2.3 Questões ambientais

O Córrego dos Contos atravessa quase totalmente o Parque, como já mencionado anteriormente, e haviam muitos problemas ligados a eles a serem sanados - o principal sendo o fato de não haver um sistema devidamente articulado de esgoto sanitário e água pluvial (sistema separador). O despejo dos detritos acontecia de forma inapropriada, sendo lançado diretamente no córrego, ou no próprio terreno. Quando havia coleta de esgoto nas residências limítrofes ao vale, esta também se mostrava inadequada, sendo a rede de esgotamento sanitária ligada diretamente à de rede pluvial. Não se conseguiu estabelecer um sistema adequado de esgoto sanitário e água pluvial, dessa forma, a poluição no córrego ainda se faz presente até os dias atuais²⁷.

3.2.4 Desapropriações

Outro problema enfrentado para a instalação dos equipamentos e execução das obras conforme o projeto foi à presença de imóveis no interior do Vale, a apropriação de certas áreas por parte dos moradores e a existência de equipamentos pertencentes à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Como já indicado desde o relatório elaborado por Viana de Lima, haviam três edificações sob posse particular que deveriam ser substituídas, alteradas ou demolidas; mais tarde, Villaescusa sugeriu a adaptação das mesmas em equipamentos do Parque, e Lúcio Costa indicou ainda a demolição de um imóvel na área do Horto. O processo de desapropriação destes imóveis prolongou-se por anos e incluiu diferentes agentes do poder público, após inúmeros conflitos e discordância com os proprietários, enfim é decidida e efetuada a demolição de duas das três propriedades existentes no Vale e da edificação presente na região do Horto²⁸.

²⁷ Informações constatadas mediante análise dos arquivos cedidos pela da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, para elaboração deste trabalho.

²⁸ KOPPKE, 2017.

Outras áreas apropriadas por moradores do entorno foram doadas pelos proprietários e assim introduzidas ao projeto, foram destinadas a implantação da escada que conecta o Vale ao Horto e destinados a um parquinho infantil. Segundo Koppke (2017), foi indicada a utilização dos fundos do Cine Vila Rica para práticas de tai chi chuan e yoga em espaço revestido em saibro, o espaço contaria ainda com decks e trilha e construção de um anfiteatro, em um dos campos de várzea e melhorias para o outro localizado ao lado. A UFOP não cedeu a área, mas permitiu a reestruturação do campo de futebol.

Outra área que merece atenção é a localizada próxima a Ponte dos Contos e a Casa dos Contos, os terraços escalonados e a área mais acima que, durante o período colonial, pertenciam ao antigo Horto Botânico de Vila Rica. Todo o terreno deveria ser recuperado e introduzido ao parque, porém, tanto o imóvel quanto os terraços não fizeram parte da intervenção em questão, uma vez que por ação judicial não resolvida esses se mantiveram em posse privada, abrigando hoje um renomado restaurante da cidade e não sendo incorporados ao parque público. A única solução alcançada foi a execução de uma ponte que parte da trilha e leva às proximidades do terraço de nível mais inferior.

Todos os conflitos apresentados geraram atrasos, desajustes no cronograma físico-financeiro, e gastos não previstos. A situação se agravou quando se constatou incompatibilidades entre a proposta executiva e as reais condições de intervenção, devido à ausência de detalhes do terreno²⁹. Diante de todas essas informações, analisa-se que muitos conflitos estiveram presentes na fase de concepção do parque, e embora tenham se revelado mudanças projetuais, acredita-se que o projeto executado atingiu seu principal objetivo.

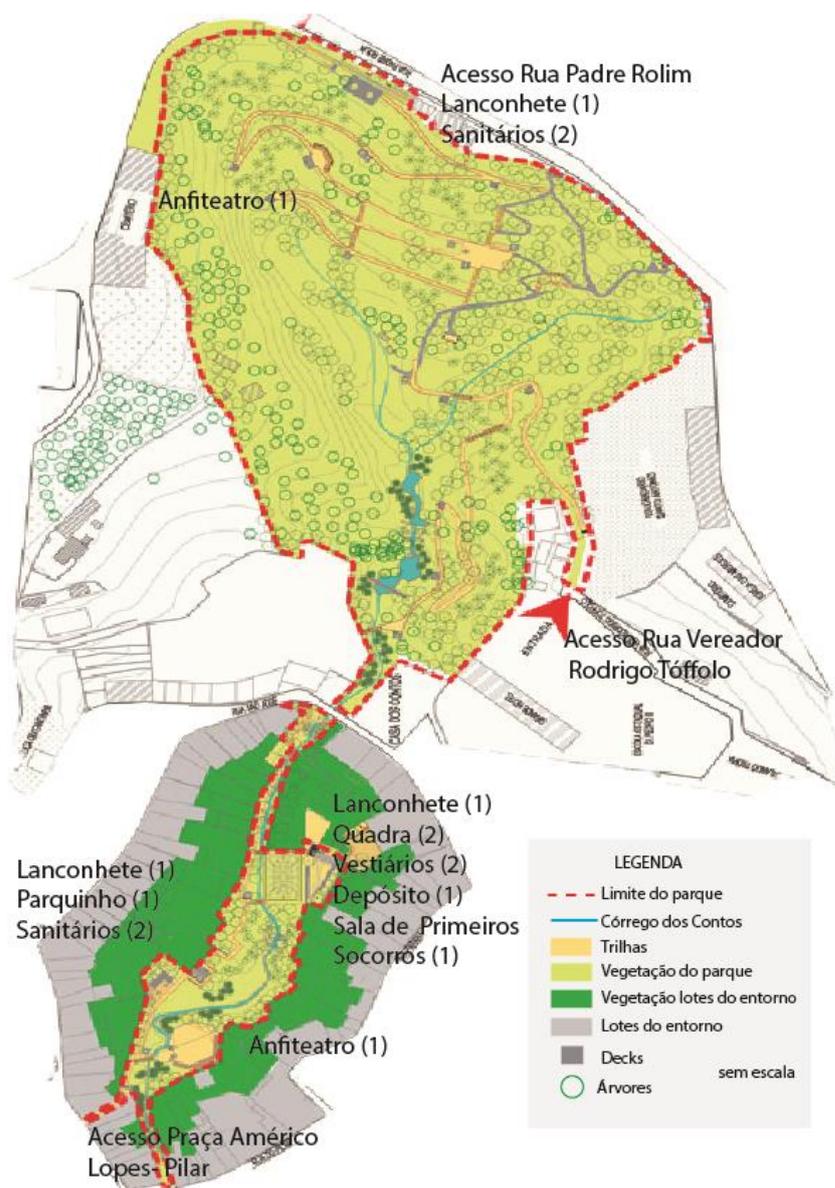
3.3 O projeto alcançado

O projeto como um todo é característico por suas trilhas demarcadas pelas muretas de pedra, construídas em meio à vegetação nativa e exótica, próximas ao Córrego dos Contos. Foram edificados equipamentos responsáveis por serem as guaritas de acesso

²⁹ As informações referentes aos problemas enfrentados pelas empresas à frente do projeto e obra do parque foram obtidas mediante entrevistas com as mesmas, presentes em KOPPKE, Karolyna de Paula. *Permanências setecentistas? O público e o privado no Vale dos Contos de Ouro Preto* / Karolyna Koppke, 2017, p 54.

(portarias), sanitários, lanchonetes e vestiário, que conta com uma sala de primeiros socorros e um depósito. Além disso, contam com espaços abertos de lazer, platôs que recebem mobiliário de robustas mesas, e vãos vencidos por pontes e escadas. Os principais materiais utilizados foram a madeira, aço e pedra, todos de alta qualidade, que se articulam bem com o contexto, disposição física, estética paisagística do parque.

Figura 11 – Projeto alcançado



Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2017, modificado pela autora

A região do Horto possui acesso direto pelo lado norte, com portaria localizada na Rua Padre Rolim, compõe uma área bem acidentada com caminhos tortuosos e de grande presença de vegetação. Próximo à entrada foram implantados quiosques destinados a sanitários e uma lanchonete (Figura 12). A área, como um todo, recebeu um uso mais

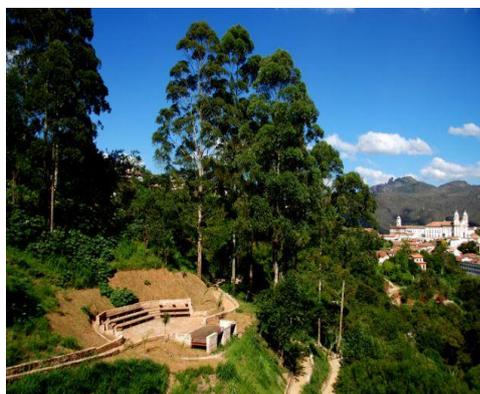
contemplativo e de descanso diante de sua declividade; os platôs funcionam como mirantes, com inúmeras vistas privilegiadas; possui ainda um anfiteatro de capacidade de 60 lugares (Figuras 13 e 14), uma fonte, e abriga a nascente do córrego.

Figura 12 – Quiosques de sanitário e lanchonete a frente e portaria da Padre Rolim aos fundos



Fonte: Tripadvisor Brasil,2019. Disponível em https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303389-d4875513-Reviews-Vale_dos_Contos-Ouro_Preto_State_of_Minas_Gerais.html. Acessado em 15 de novembro de 2019.

Figuras 13 e 14 – Platôs que funcionam como mirantes e anfiteatro em meio as trilhas em declive (da esquerda para direita)



Fonte: Tripadvisor Brasil, 2019 .Disponível em: < https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303389-d4875513-Reviews-Vale_dos_Contos-Ouro_Preto_State_of_Minas_Gerais.html. Acessado em 15 de novembro de 2019.

Já a região do Vale, possui acesso direto pela portaria sul, localizada na Praça Américo Lopes, no bairro Pilar. É marcada por uma trilha linear com a presença de uma quadra construída em material sintético que conta com arquibancada (Figura 15), vestiário e lanchonete, um anfiteatro capaz de abrigar 130 pessoas (Figura 16), um parquinho infantil que conta com brinquedos em conexão com os quiosques da lanchonete

e sanitário (Figura 17). Além disso, ainda que em menor quantidade que a região do Horto, possui platôs dispostos em pontos estratégicos que trazem as amplas mesas (Figura 18).

Figura 15 – Quadra em material sintético com arquibancada



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

Figura 16 – Anfiteatro de capacidade de 130 lugares



Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2013

Figura 17- Parquinho infantil em conexão com os quiosques da lanchonete e sanitário



Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2017

Figura 18- Platôs com amplas mesas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

Quanto à proposta de vegetação, indicou-se uma recuperação florística por meio de setorização das diferentes áreas degradadas do parque, atentando-se ao tipo de solo e vegetação nativa e invasora. Assim, estabeleceram-se intervenções que mantivessem as espécies favoráveis e se introduzisse novas, dentre as principais espécies citam-se a presença de: pitangueiras, jabuticabeiras, abacateiros, ipês roxo e amarelo, aroeiras e bambus.

3.4 Período de funcionamento do parque

Como previsto, a gestão do parque incluindo os possíveis gastos administrativos como: contratação de serviços de limpeza, segurança, atividades comerciais, manutenção e atrações, bem como análise e indicação de medidas em prol do pleno funcionamento do parque, ficaram a cargo do governo municipal. O parque funcionava de Terça-Feira a Domingo, de 7h da manhã às 17h, não oferecendo, normalmente, programação noturna.

Meses após a inauguração em 2008, se iniciava o “Projeto Horto Cultural”, por meio da parceria entre PMOP, as Secretarias de Planejamento e Cultura e a de Turismo e o Instituto Candonguêro. Diversas atrações como shows, teatro, e outras apresentações culturais locais faziam parte da programação. Segundo notícia publicada pela UFOP³⁰, o Instituto Candonguêro seria responsável por realizar pesquisas de avaliação com os usuários a fim de se ter um melhor direcionamento para os próximos eventos e, além disso, o objetivo do projeto seria proporcionar um espaço democrático a diversas formas de representação e expressão da cultura e da arte.

Segundo Rosa (2013), outros dois projetos voltados para a comunidade da cidade se fizeram presentes, o “Projeto Bolsa Esporte” e o “Escola vai ao Parque”. O primeiro, iniciado em 2010 pela Fundação Aleijadinho³¹, era destinado a aulas de futebol que aconteciam duas vezes por semana para crianças carentes, de idade entre 8 e 18 anos; já o segundo tinha como público-alvo as escolas municipais com o intuito de promover o conhecimento acerca da flora existente. Em pesquisa realizada durante os meses de janeiro e fevereiro de 2011, presente no livro “Lazer e Esporte em Ouro Preto e Mariana: Estudo de Espaços e Equipamentos”³² constatou-se que a quadra era a local mais utilizada, principalmente por crianças e jovens, enquanto os decks e mirantes funcionavam mais como local de passagem. Durante os finais de semana era mais recorrente a presença de turistas, que na maioria das vezes desfrutavam da paisagem e de famílias com crianças que utilizavam o parquinho.

De acordo com entrevistas realizadas com os usuários, presentes no mesmo livro³², foram levantadas como deficiências: as lanchonetes não estarem em funcionamento; o parque não oferecer regularmente uma programação atrativa como as oferecidas pelo Projeto Horto Cultural, o que levava a uma diminuição da visitação; a carência de bebedouros; e ausência de monitores e seguranças durante o percurso. Em contrapartida, durante as entrevistas, tanto moradores quanto turistas revelaram a satisfação em se ter um espaço verde daquelas características presente no Centro

³⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Confira o Projeto Horto Cultural. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/confira-o-projeto-horto-cultural>>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

³¹ Fundação cujo objetivo de promover o desenvolvimento sócio educacional da comunidade de Ouro Preto e região, além de desenvolver e apoiar projetos de esporte, educação, lazer e cultura para crianças e adolescentes.

³² ROSA, Maria Cristina. O Lazer e Esporte em Ouro Preto e Mariana: Estudo de Espaços e Equipamentos. Ouro Preto. Editora UFOP, 2013.

Histórico da cidade, e os pesquisadores reconheceram, ainda, que, durante o período observado, as condições de limpeza eram favoráveis e cuidados com toda a área verde eram frequentes.

Rosa (2013) aponta que sua equipe de pesquisa ao acessar os livros de registros presentes nas portarias do Pilar e da Rua Padre Rolim, constatou que foram registrados de julho de 2009 a janeiro de 2011: Portaria do Pilar - 24518 visitantes e Portaria da Rua Padre Rolim: 19419 visitantes. E que ainda estiveram presentes no parque entorno de 14 mil pessoas durante o mês de julho de 2011, principalmente devido ao Festival de Inverno, que conduziu eventos culturais para o parque.

A gestão do parque ficou a cargo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA) de 2010 a 2015, sendo este último o ano de fechamento total do parque, e assim se encontra atualmente. Ressalta-se que, em 2012, de acordo com indicação da Prefeitura e do IPHAN como sugestão aliada ao Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), e por meio da Lei Rouanet³³, iniciou-se um co-gestão incluindo a Agência de Desenvolvimento Econômico e Social de Ouro Preto (ADOP)³⁴, a ela caberia responsabilidades relativas ao orçamento e gerenciamento municipal sobre o espaço, bem como garantir recursos, divulgação do parque e proceder projetos ao Ministério da Cultura que se encaixassem em saúde, educação e cultura, não incluindo recursos para a manutenção dos sistemas estruturais, arquitetônico e ambiental do parque.

Em 2012 a visitação do parque aumentou de 10.000 para 104.000 mil pessoas³⁵, o período de co-gestão foi o que representou maior incidência de atividades no parque³⁶, entre elas: prática de Tai Chi Chuan que aconteciam de segunda às sextas-feiras; yoga; atrações musicais durante os finais de semana; o projeto gastronômico Café Vila Formosa; a tardes de brincadeiras voltadas para crianças de 6 a 12 anos durante período de férias e escolinha de futebol para crianças de 9 a 13 anos; projeto Fotógrafos em Ouro

³³ A Lei Federal nº 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991 de Incentivo à Cultura

³⁴ Instituição privada, sem fins lucrativos, que atua desde 2005 no município em prol do seu desenvolvimento sustentável. Esta possui ainda o título de “Organização da Sociedade Civil de Interesse Público” (OSCIP). Fonte:

³⁵ Fonte: AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DE OURO PRETO. O Vale dos Contos reabre dia 10 de Junho. Disponível em: <<https://adop.org.br/noticia/6/vale-do-contos-reabre-dia-10-de-junho>>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

³⁶ Informações obtidas por meio de arquivos cedidos pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2017.

Preto – Coletivo; o projeto de literatura Baú da Biblioteca Benvinda e visitas monitoradas de nove escolas do município. Destaca-se que no projeto apresentado estavam inclusos, ainda, atividades como: aulas de peteca, caminhada orientada, jogos de tabuleiro, aulas de alongamento e ginástica no Anfiteatro do Pilar, revelando a potencialidade do equipamento de lazer e cultura³⁷ (Figuras 19 e 20).

Figura 19 – Divulgação da programação musical e da ação social de Escolinha de Futebol (da esquerda para a direita)



Fonte: ADOP- Agência de desenvolvimento econômico e social de Ouro Preto. Disponível em: <<https://adop.org.br/noticia/74/escolinha-de-futebol-do-vale-dos-contos-esta-com-inscricoes-abertas>>. Acessado em 15 de novembro de 2019

Figura 20 – Participação das crianças no Projeto “Escola Vai ao Parque”



Fonte: ADOP- Agência de desenvolvimento econômico e social de Ouro Preto. Disponível em: <<https://adop.org.br/noticia/58/escolas-sao-beneficiadas-pelo-programa-de-educacao-patrimonial-do-vale-dos-contos>>. Acessado em 15 de novembro de 2019

³⁷ É importante ressaltar que haviam meios de divulgação ativos das atividades, como as redes sociais, websites e cartazes

Um ponto interessante da dinâmica urbana merece destaque: com o fechamento provisório da portaria do Pilar³⁸, introduziu-se um acesso pelo Museu Casa dos Contos localizada na Rua São José, o que resultou em uma “inesperada intensificação no trânsito de moradores oriundos de bairros próximos à Rodoviária, como São Cristóvão e São Francisco. Esse grupo usa as trilhas do Parque como atalho para chegar à Rua São José, centro comercial e financeiro da cidade, evitando o longo desvio pela Praça Tiradentes. O funcionamento do acesso pela Casa passa a ser demanda da comunidade.” (KOPPKE, 2017, p. 84).

Conforme informações obtidas, ressalta-se que as atividades oferecidas e opções de acesso se mostraram fatores determinantes para o funcionamento do parque e, mais do que isso, conseguiram neste tempo representar um espaço que agregasse qualidade de vida aos moradores por meio de um equipamento de lazer de características não encontradas no Centro Histórico e ainda um turismo ecológico diferenciado próximo aos monumentos mais visitados na cidade. Porém, os problemas ambientais e político-administrativos que o parque passou se sobressaíram e assim o parque teve suas atividades suspensas.

3.5 Suspensão das atividades: razões ambientais e políticas

A transferência da gestão para a Secretaria de Meio Ambiente se deu de acordo com o objetivo principal de conservação ambiental do parque. Porém, nesse setor ambiental, a realidade era a de surgimento de graves problemas que, não solucionados, ocasionaram a determinação do fechamento do parque por parte de outros órgãos competentes à questão. Embora a preocupação por certas áreas de limite do parque já havido sido alertadas em outras propostas de intervenção não executadas anteriores ao projeto do Monumenta, neste momento de pleno funcionamento do projeto de fato implantado problemas relativos a deslizamentos de terreno ainda emergiam.

A porção do Horto Botânico próximo ao cemitério da Igreja de São Francisco de Paula era considerada a área mais grave devido aos deslizamentos. Já na porção do Vale, a área limítrofe do parque com fundos dos lotes da Rua Randolpho Bretas³⁹, apresentavam antigos problemas conhecidos como depósito de lixo e plantio inadequado de espécies, ocasionando a deterioração do solo. Como consequência da situação, a Defesa Civil

³⁸ Este assunto será melhor abordado na próxima seção.

³⁹ Popularmente conhecida como Rua da Escadinha.

determinou a suspensão das atividades nesta porção do parque do início de 2013 ao meio de 2015.

Além disso, como consequência, a portaria do Pilar foi interdita e concedeu-se acesso pelo Museu Casa dos Contos. A priori, o gestor do mesmo aponta pontos negativos a essa decisão como: dificuldade de controle dos visitantes, aumento de funcionários para tal e desajuste da programação estabelecida, mas aponta os benefícios que tal alteração trouxe para a comunidade citados na seção anterior⁴⁰.

No final do mesmo ano, outro deslizamento na mesma área, próximo à Portaria do Pilar motiva a Secretaria de Meio Ambiente a interditar o parque sem previsão de reabertura (Figuras 21 e 22). Ressalta-se que a Defesa Civil orientou que o parque permanecesse inativo durante períodos de intensas chuvas, como dezembro e janeiro, antes dos episódios acontecidos⁴¹.

Somado a esse quadro, os recursos financeiros se tornaram mais precários, não se fazendo presentes captação por meio de parceria com outras instâncias. Além disso, o governo municipal, a essa altura coordenado pelo prefeito José Leandro Filho desde 2013, não consegue se mostrar eficaz quanto a um planejamento e execução de direcionamentos e manutenção. Discussões acerca de soluções e futuro do equipamento voltam a surgir em 2017, já sob o governo do prefeito Júlio Ernesto de Grammont.

Figuras 21 e 22 – Deslizamento próximo a Portaria do Pilar no ano de 2013



Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2017.

⁴⁰ KOPPKE, 2017.

⁴¹ Informações obtidas por meio de arquivos cedidos pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2017.

4. SITUAÇÃO ATUAL E DESAFIOS DE REABERTURA

Passados quatro anos desde os problemas enfrentados, o Parque Natural Horto dos Contos permanece fechado ao público. Sua gestão continua sob comando da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA), que permite acesso ao parque mediante requerimento na própria secretaria. Dessa forma, foram realizadas visitas ao parque durante os meses de maio, junho e setembro, sem acompanhamento de responsáveis pelo equipamento. Estes apenas concederam entrevistas para melhor entendimento da situação atual, relatando os diversos problemas existentes, tanto relativos à estrutura física do local, quanto ao seu sistema administrativo, e indicando as ações de recuperação que a secretaria estava propondo.

Em conversa com o Secretário Antenor Rodrigues Barbosa Junior e com a técnica em Meio Ambiente, Penha Aparecida Vicente⁴², foram esclarecidos que ficou a cargo da SMMA um projeto de reforma/manutenção do local e que, para tal, a princípio, seria disponibilizado um valor de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais). No entanto, só foi possível dispor do valor de R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais) através de acordo com a mineradora Vale para a execução das obras necessárias. Não houve, por parte da empresa, interesse em participar dos processos como planejamento e execução das obras e nova gestão, colocando-se apenas como uma financiadora. Como forma de agilizar as burocracias, a Fundação Gorceix assumiu o manejo dos recursos financeiros e, assim, firmou-se uma parceria entre as Secretarias de Meio Ambiente e a Secretaria de Obras e Urbanismo para a execução de uma planilha de serviços e orçamentos necessários à manutenção do espaço.

Segundo Barbosa, os serviços incluiriam: reconstrução do sistema de drenagem, prejudicado por fortes chuvas; obras de contenção para estabilização das encostas que sofreram deslizamentos; reforma da casa presente no interior do Vale, que não foi demolida; e outras medidas pontuais julgadas necessárias; Além disso, Penha acrescenta que, quanto à questão ambiental, foram realizadas visitas aos lotes dos imóveis da Rua Randolpho Bretas por parte do corpo técnico da secretaria no ano de 2016 e que se obteve um parecer de que o limite estabelecido estava sendo respeitado, e que seria recomendado

⁴² Entrevista concedida por Antenor Rodrigues Barbosa Junior e Penha Aparecida Vicente. Abril de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min).

que se mantivessem as espécies plantadas proveniente do projeto executado e que o descuido quanto à introdução de espécies não indicadas (como as bananeiras presentes nos quintais) deveria ser solucionado. Quando perguntado sobre a reabertura e funcionamento do parque, o secretário respondeu que a prioridade no momento era a de solucionar os problemas de ordem infraestrutural e ambiental, já citados, e que havia o desejo de, por meio de parceria com a UFOP, transformar o local em área de pesquisa, visto que seu histórico de Horto Botânico deveria ser valorizado. Previa-se a abertura ao público somente em épocas de alta temporada, mas nesse momento não havia sido discutido um programa de gestão e funcionamento, apenas se adiantava que as obras começariam a partir do segundo semestre de 2019. Deu-se destaque ainda ao fato de que o corpo técnico da Secretária de Meio Ambiente é composta por 13 especialistas e é responsável por 5 unidades de Conservação presentes na cidade, o que representa um desafio de gestão para o Secretário e sua equipe.

Durante os meses de maio, junho e setembro foram realizadas visitas ao parque para realização de um diagnóstico físico do espaço e apuração de possíveis acontecimentos. Nesse momento, membros da secretaria alertaram quanto à provável presença indevida de pessoas no local para uso de drogas e vandalismo. De forma geral, deparou-se com uma situação de abandono, depredação de estruturas, agravamento de problemas ambientais, como deslizamentos e infiltrações, além de manutenção das espécies existentes.

Porém, ao analisar a quadra, alguns vestígios de uso foram observados em algumas visitas, como a presença de banheiros químicos em ótimo estado de conservação. Foi informado, pela Secretaria, que era frequente o uso desta área por parte dos moradores das repúblicas, que continuaram realizando ali os tradicionais campeonatos de futebol. Por meio de requerimento, eles solicitavam as chaves aos gestores e utilizavam o espaço com autonomia. Aponta-se que os gestores se mostravam favoráveis a este uso frequente, pois os estudantes realizavam limpeza nesta área, auxiliando, assim, na sua conservação.

Em conversa com um morador da república Ninho do Amor⁴³, localizada na Rua Paraná, cujos lotes fazem limite com a parte baixa do Vale, ele relata que uma vez por ano acontece o campeonato de futebol denominado “Bera”, na quadra do parque, o qual

⁴³ Entrevista concedida por Matheus Matos. 10 de Outubro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (10 min).

participam 12 repúblicas masculinas e 32 femininas, e ainda expõe que durante todo ano as repúblicas localizadas na Rua Paraná se juntam com uma frequência de uma vez na semana para jogarem no local. Além disso, relata-se a apropriação do espaço com o “Projeto Lajes em Ação”, no qual repúblicas localizadas em uma região próxima à Praça Tiradentes, popularmente conhecida como “Lajes”, se uniram uma vez em 2016 e efetuaram a capina e limpeza de uma porção do Vale para realização de um campeonato entre elas. O vídeo promocional do Projeto⁴⁴ contou com entrevistas dos moradores do bairro Pilar, que relataram pesar ao analisar a situação de abandono do local, uma vez que, quando aberto ao público, era frequentado por eles e por suas famílias para atividades como realizar piqueniques e assistir peças de teatro.

Em outro momento de visita, deparou-se com a presença de crianças e jovens na mesma quadra, realizando um pequeno campeonato entre eles. Contava-se, ainda, com a presença de pessoas assistindo aos jogos, e foi informado que eles se reuniam todas as terças e quintas, sempre que possível, e que, diferentemente da situação supra relatada, esses frequentadores se tratavam de moradores de bairros um pouco mais distantes do centro, como o Alto da Cruz, o Morro Santana, o São Cristovão, o Piedade, o Cabeças e o Antônio Dias. Foi observado, durante o período de permanência no parque, que o acesso a ele se dava de forma livre, pois, embora os portões se encontrassem fechados por correntes e cadeado, a porta e a janela da guarita haviam sido removidas, permitindo a passagem. Em reportagem realizada pelo curso de Jornalismo - UFOP⁴⁵, relata-se ainda o uso do espaço por parte da comunidade ouropretana para as práticas de capoeira e dança de rua.

Em quase todas as visitas se deparou, ainda, com a presença de funcionários da Casa dos Contos realizando serviços de manutenção, excepcionalmente, na porção da divisa dessa com o parque. As atividades observadas se caracterizavam por limpeza da área, inclusive retirada de lixo do córrego, e manutenção da vegetação, como poda de árvores e capina. Na última visita, realizada em setembro, um dos funcionários nos procedeu abordagem e informou que todas as ações estavam sendo empreendidas por

⁴⁴ Fonte: LAJES EM AÇÃO – PARQUE HORTO DOS CONTOS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVqBMk5bagA>>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

⁴⁵ Reportagem realizada em junho de 2019 como atividade avaliativa da disciplina de Telejornalismo, do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Ouro Preto com o objetivo de expor a situação atual encontrada no parque. Fonte: ABANDONO DO HORTO DOS CONTOS- OURO PRETO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=poaP8XWjzKE>>. Acessada e 15 de novembro de 2019.

vontade da Casa, não obtendo relação com a secretaria gestora. Além disso, no início do mês de novembro, deparou-se com o plantio de algumas espécies na porção em questão.

Figura 23 - Serviços de manutenção realizado por funcionários da Casa dos Contos em porção do Vale próxima a mesma.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

No dia 13 de setembro, com retificação no dia 30 do mesmo mês, foi publicado no Diário Oficial do Município de Ouro Preto o edital de licitação para as obras de manutenção do Horto que tinha por objeto :

“CONTRATAÇÃO DE EMPRESA ESPECIALIZADA PARA EXECUÇÃO, COM FORNECIMENTO TOTAL DE MÃO DE OBRA, MATERIAIS E EQUIPAMENTOS, DE REFORMA DO HORTO BOTÂNICO – VALE DOS CONTOS, LOCALIZADO NA RUA PADRE ROLIM, 570, BAIRRO SÃO FRANCISCO, OURO PRETO”⁴⁶

Os serviços apontados em licitação totalizaram um valor de R\$ 512.262,41 e indicam, de forma geral: a limpeza de revestimentos, tratamento e substituição de esquadrias, pintura de paredes, substituição de peças hidráulicas e louças, novas peças para o sistema de iluminação e drenagem, plantio de grama, capina e roçamento, instalação de lixeiras, recomposição dos muros de pedra e nova grama sintética e

⁴⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Portal da Transparência. Edital Tomada de Preços 003/2019. Disponível em: < <https://ouropreto.mg.gov.br/transparencia/index.php?page=detalhes-licitacao&id=1942>>. Acessado em 8 de novembro de 2019.

alambrado para a quadra (Anexo A). Em 27 de outubro de 2019, a Prefeitura Municipal tornou público o resultado da licitação em questão, onde declarou: como licitante vencedor a Construtora AGD LTDA, com o valor global de R\$ 507.093,96.

Como visto, apesar do fechamento ao público desde 2015, algumas atividades autônomas continuaram sendo realizadas no parque, sobretudo na quadra localizada na porção do Vale dos Contos. Além disso, os serviços listados na licitação indicam uma maior preocupação com a qualidade das estruturas físicas do local, indicando recuperação e substituição dos elementos julgados emergenciais, por eles. Em nova entrevista com o Secretário de Meio Ambiente⁴⁷, foi relatado que, além do valor disponibilizado pela Vale, a prefeitura entrou com recursos próprios, e que as obras se iniciaram no dia 7 do mesmo mês e que estão sendo geridas pela SMOU, a qual dispõe de fiscais para supervisão das mesmas. Relatou ainda que a poluição do córrego não serão sanadas como deveriam devido à sua complexidade e falta de recursos suficientes. Quanto à reabertura, informou que se deve esperar a finalização da obra, e que o andamento dessa depende do comportamento do período de chuvas que segue nos próximos meses, mas que a intenção é de que no início do ano de 2020 ele esteja reaberto.

Quando perguntado quanto aos novos desafios de gestão pós-reabertura relatou a não existência de um plano específico a priori, vista a crise de recursos financeiros enfrentada pelo município, e que seriam necessários, além de uma programação, a contratação de segurança, de monitores, entre outros. Salienta novamente, o escasso corpo técnico existente por sua secretaria diante do número de Unidades de Conservação sob sua responsabilidade, o que dificulta a eficiência dos trabalhos.

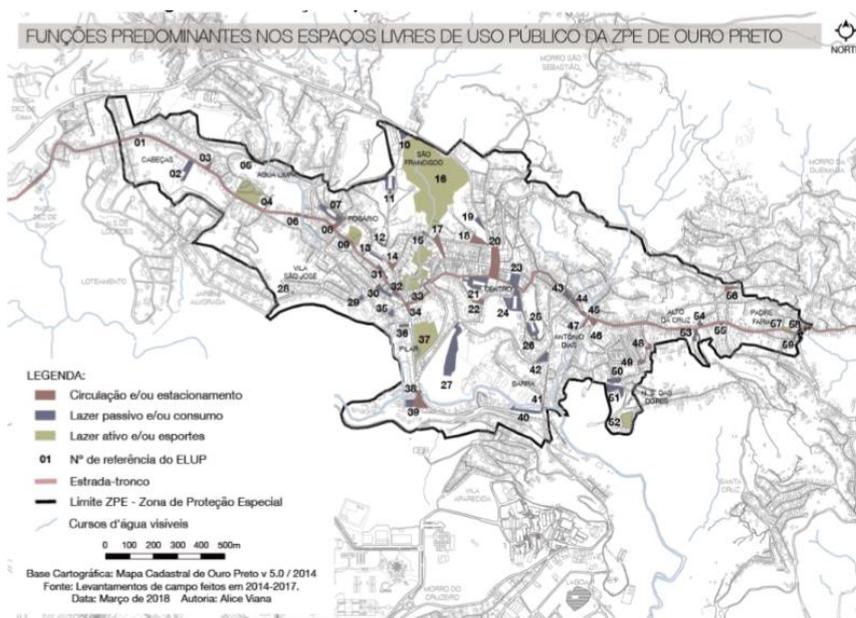
⁴⁷ Entrevista concedida por Antenor Rodrigues Barbosa Junior. 13 de Novembro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (12 min).

5. AVALIAÇÃO TÉCNICA DO ESTADO ATUAL E RECOMENDAÇÕES DE INTERVENÇÃO PARA REABERTURA

Toda a pesquisa realizada foi fundamental para conhecimento do estado atual do parque, constatando-se a necessidade de uma intervenção de recuperação de sua estrutura física, não sendo necessária a contemplação de um novo projeto; demonstrou-se ainda essencial para ratificação de sua importância para a população como um espaço de lazer; e revela ainda como sua gestão ainda se mantém como o maior desafio ao seu funcionamento. Ao analisar os serviços indicados para a reforma, identifica-se a priorização de alguns setores julgados emergenciais pelos gestores, aponta-se que poderiam ser realizados estudos de viabilidade de destinação dos recursos primeiramente à porção do Vale dos Contos, uma vez que essa se comporta como a mais atrativa. Ressalta-se que para este trabalho serão apresentadas medidas interventivas que contemplem as diferentes ordens dos problemas que o parque enfrenta.

Além das constatações citadas anteriormente, analisa-se a presença de outros espaços públicos próximos ao parque como forma de verificar importância deste como um parque urbano que atende a demanda da sociedade atual. Ao tratar dos espaços públicos presentes na ZPE, na qual o parque se encontra, Araújo (2018) expõe a existência de 59 Espaços Livres de Uso Público (ELUP) que se comportam de formas diferentes (Figura 24).

Figura 24 - Espaços Livres de Uso Público (ELUP) presentes na ZPE



Fonte: Araújo, 2018

Em sua análise, a autora verifica a maior presença de espaços destinados ao lazer passivo, ou seja, assumem um caráter mais contemplativo e de descanso. Observa-se que, de forma geral eles não apresentam condições adequadas à permanência, como falta de mobiliários e exposição a intempéries, Além disso, alguns outros que possuem potencial de lazer, como a Praça Tiradentes, marco da cidade, concentram alto fluxo de automóveis e pedestres, e assumem funções prioritárias como a de ser estacionamentos. Por fim, a autora constata que os espaços de lazer ativo, ainda que se apresentem em menor quantidade, são aqueles que apresentam “ofertas de atividades voltadas às demandas mais contemporâneas da população” (ARAÚJO, 2018, p. 346). Porém, todos os espaços analisados são prejudicados pela falta de manutenção periódica, o que influencia negativamente sua atratividade e ocupação. O Parque Municipal Natural Horto Dos Contos (nº 16) e a Praça da UFOP (nº 37) “são espaços públicos bastante centrais, que concentram algumas das maiores áreas livres disponíveis no centro histórico.” (ARAÚJO, 2018, p. 346), e, além disso, contam com equipamentos que possibilitam maior diversificação de lazer e ultrapassam a escala local, atingindo uma relevância municipal. Grande parte das atrações presentes da Praça da UFOP são eventos pagos, além disso, completa-se a análise da autora que a oferta por área verde e equipamentos melhores como, por exemplo, quadra e anfiteatros, se fazem presentes apenas no Horto Botânico e Vale dos Contos.

Portanto, constata-se que, apesar do contexto urbano no qual o parque se encontra atualmente, de uma ampla oferta de espaços públicos, ele ainda oferece uma diversidade de lazer se diferenciando dos demais espaços. Dessa forma, primeiramente, propõe-se a execução de uma avaliação do espaço como ele se encontra, entendendo: a dinâmica do entorno no qual está inserido, sua espacialização interna, realizando um diagnóstico dos problemas relacionados à situação arquitetônica, infra-estrutural e paisagística/ambiental, para que, então, se elabore diretrizes cabíveis ao potencial de recuperação do espaço e a concepção de um modelo de gestão.

Para iniciar o diagnóstico, utilizou-se como referência a metodologia de Avaliação Pós Ocupação (APO) desenvolvida por Clare Cooper Marcus, referência na área de desenhos paisagísticos e planejamento de espaços abertos, e por Carolyn Francis⁴⁸. Essa consiste em uma avaliação organizada do espaço projetado e já ocupado a partir do ponto

⁴⁸ (COOPER-MARCUS & FRANCIS, 1998)

de vista do usuário como forma de se repensar um espaço que não se encontra apto à sua função. A metodologia é composta por: a) observação do participante quanto às sensações de ver, ouvir, sentir e cheirar; b) desenho do local com identificação de suas subáreas funcionais e contexto do entorno em que está inserido c) análise das mensagens administrativas presentes nas placas de informação, interação, entre outras d) análise das características das pessoas presentes no parque; e) Mapeamento das atividades desenvolvidas por elas; f) entrevistas; g) Resumo de todos os dados: a análise dos usos, definição do problema e um reprojeto; h) relatório final.

Como visto, a metodologia é composta por várias etapas em que se analisa a composição e dinâmicas do parque em seu pleno funcionamento até que se produza um relatório final. Porém, diante da realidade atual do local, que se encontra em situação de abandono e, de forma geral, em desuso, utilizou-se da pesquisa como um recurso metodológico realizando adaptações necessárias ao objetivo deste trabalho, que serão apresentadas a seguir.

5.1 Análise atual do entorno

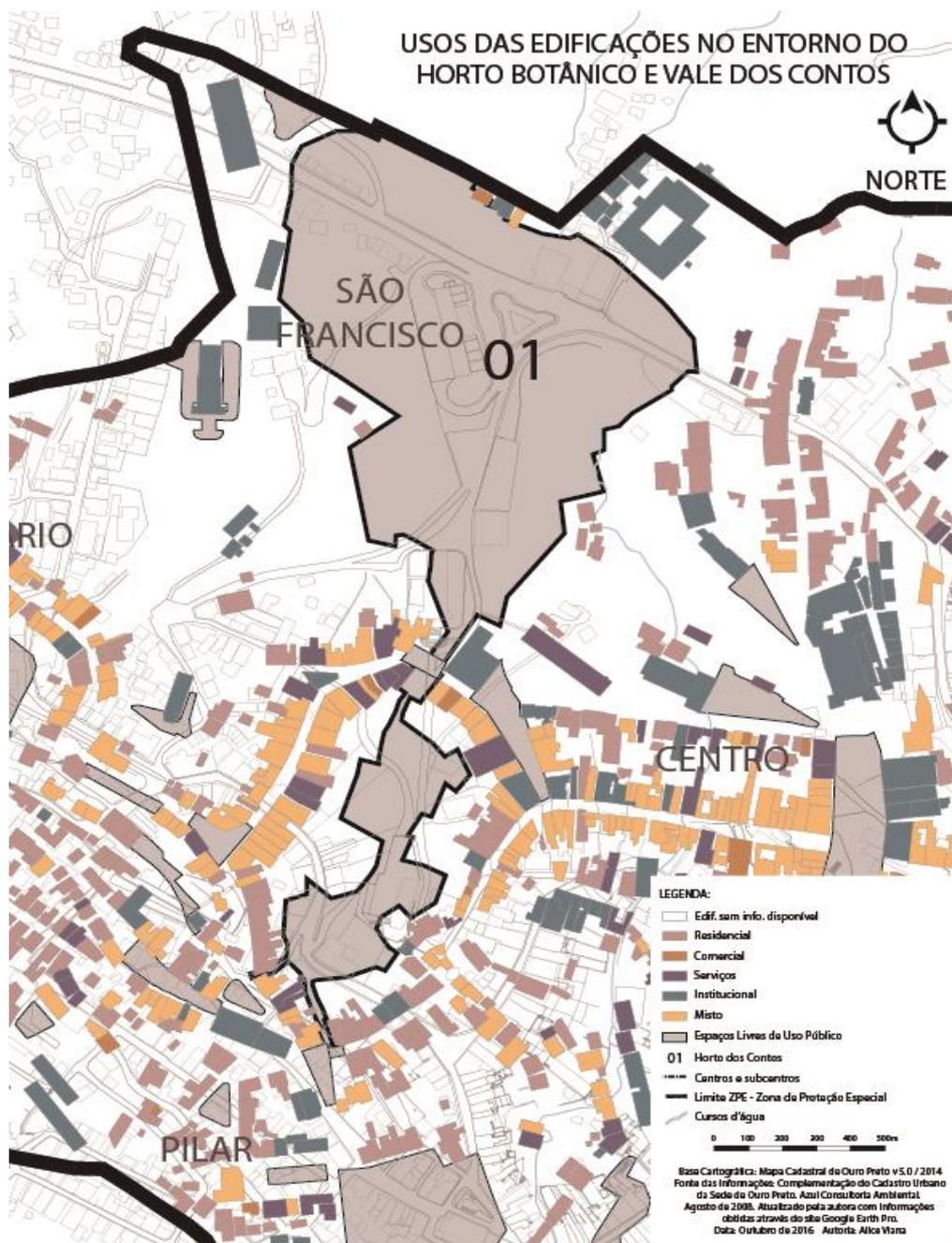
Os usos do entorno do parque se demonstram em semelhança a aquele encontrado na época de sua concepção. A região que circunda o Horto é menos edificada, sendo a maioria dos edifícios nela existente de uso institucional, já a região do Vale apresenta maior adensamento, sendo o uso misto o principal tipo de uso do entorno⁴⁹. Destaca-se o fato da localização da Portaria na Padre Rolim, a norte, estar bem próxima à rodoviária, o que auxilia no contato dos visitantes com o parque, uma vez que o caminho mais próximo para se chegar ao Centro Histórico se faz por esta rua. Ressalta-se que a parte baixa do Vale é circundada por importantes ruas que abrigam usos necessários à rotina cotidiana que garantem a centralidade da cidade, e também por monumentos turísticos, influenciando um alto fluxo, tanto de moradores quanto de turistas.

Quano a composição socio-econômica, o Centro Histórico se caracteriza, como uma região de alto valor comercial e especulação imobiliária, influenciando processos de gentrificação. Já em relação a paisagem, a arquitetura é predominantemente colonial e possui seus edifícios majoritariamente de dois a três pavimentos grudados lateralmente

⁴⁹Caracterizado por unidades de uso comercial, de serviços e residencial juntos.

entre si formando longos “corredores” nas estreitas ruas, o que faz com que os vazios urbanos representem zonas de respiro dentro dessa estrutura. Dentre os vazios presentes, o parque chama a atenção por sua extensa área verde, que pode ser vista pela Ponte dos Contos⁵⁰.

Figura 25 - Usos das edificações no entorno do Parque



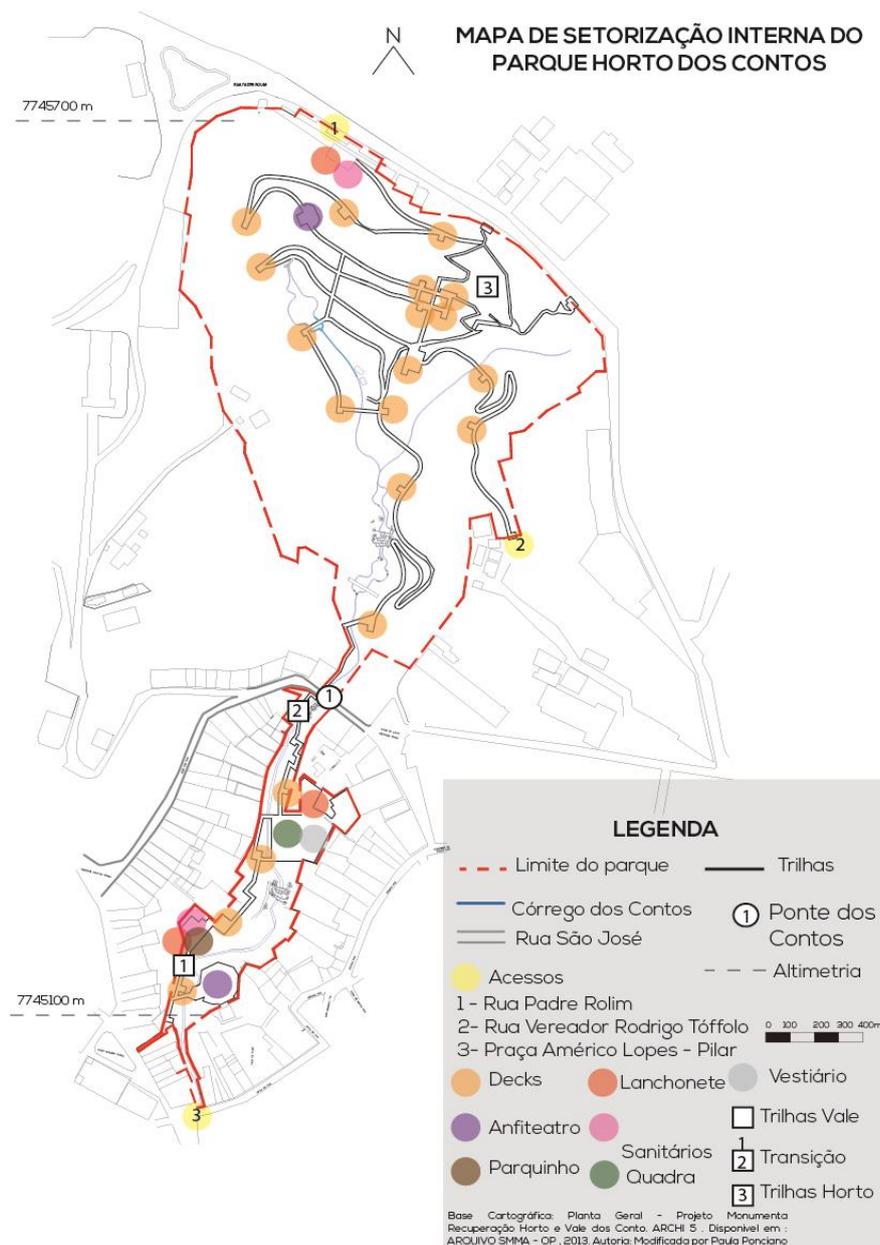
Fonte: Araújo, 2018. Modificado pela autora.

⁵⁰ Verificar figura 9 – Vista aérea do Parque.

5.2 Análise da setorização interna do parque

Enquanto a região do Horto é marcada pelo caminho íngreme, disposto majoritariamente por decks com robustas mesas que funcionam como mirantes e estares e possuindo apenas um menor anfiteatro, a porção do Vale apresenta maior concentração de equipamentos de lazer ativo, como a quadra, parquinho e maior anfiteatro, além dos decks com mobiliário de permanência. Apesar dos espaços bem definidos relata-se a presença de áreas livres que poderiam garantir novos usos e abrigar mobiliários efêmeros, além de equipamentos de apoio melhor distribuídos, como bebedouros e lixeiras.

Figura 26 – Setorização interna do parque



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

5.3 Observação do usuário quanto as sensações de ver, ouvir, sentir e cheirar

Buscou-se um parecer quanto às sensações que o parque desperta, levando em consideração o que foi implantado de acordo com seu projeto original, mas atentando-se também a sensações causadas devido à falta de manutenção, que influenciam na relação do usuário com o local tal como ele se encontra atualmente.

Primeiramente foram analisadas a relação do ambiente externo com os três acessos. Percebe-se uma diferença quanto à visibilidade de cada um: para que se chegue a portaria do Pilar (Figura 27) é preciso percorrer um pequeno corredor margeado por casas que inibem o acesso, pois dificultam a visualização da portaria⁵¹ (Figura 28); já a portaria da Rua Padre Rolim, próxima ao Terminal Rodoviário (Figura 29), é mais visível, porém, diante da sua situação precária, revela de imediato a atual falta de atratividade do parque; por fim, a portaria da Rua Vereador Rodrigo Tóffolo (Figura 30), próxima a Escola Estadual Dom Pedro II, é considerada a menos convidativa, além de estar localizada em uma rua “camuflada” percebe-se uma falta de conexão da mesma com o entorno.

Figura 27 – Caminho de acesso à portaria do Pilar



Figura 28 – Portaria do Pilar



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

⁵¹ A falta de presença de placas ou semelhantes contribuiu negativamente com a situação.

Figura 29 – Portaria da Rua Padre Rolim

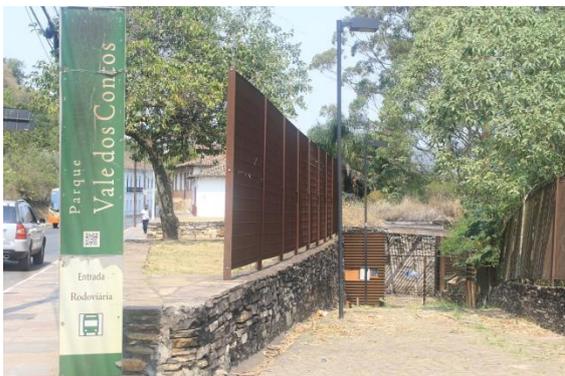


Figura 30 – Portaria da Rua Vereador Rodrigo Tóffolo



Fonte: Acervo pessoal, 2019

O primeiro contato que o visitante tem com o parque é por sua portaria, é essencial que ela se conecte os ambientes interno e externo, e seja convidativa. No caso das três portarias observadas, recursos como placas e um paisagismo nos curtos caminhos que a antecedem poderiam auxiliar na construção dessa melhor relação entre os dois ambientes. Ainda, para esta análise, percorreu-se o parque experimentando o percurso primeiro a partir da portaria do Pilar e depois a partir da portaria da Padre Rolim. Os percursos se faziam de um extremo ao outro do parque, e notou-se quão longo é o trajeto⁵². Além disso, por vezes foram observadas pessoas localizadas na Ponte dos Contos com a atenção voltada para o parque, ao passar por esse espaço de transição e conexão entre o Horto e Vale. Dessa forma, acredita-se na importância da reabertura do acesso pela Casa dos Contos de modo a diminuir distancias e impulsionar a visitação, uma vez que ela se localiza em umas das principais ruas da cidade que recebe alto fluxo de turistas e moradores de toda a cidade, não apenas os locais.

O trajeto mais acessível a ser percorrido, é o das trilhas que conformam o Vale dos Contos. A maior parte do percurso se fazia de forma livre, sem presença de obstruções e, em alguns momentos, notou-se a presença de alguns objetos⁵³, evidenciando a presença de outras pessoas no local - o fato da quadra localizada no Vale ainda ser utilizada, mesmo com o fechamento ao público, pode ter contribuído para essa situação. Além disso, as trilhas mais lineares (Figura 31), a maior incidência de espaços abertos garantiam uma

⁵² Verificar figura 26 – Setorização interna do parque.

⁵³ Foram observados objetos como isqueiros, cigarros, garrafas, colchão e banheiro químico em bom estado de conservação.

sensação confortável no ambiente, onde era possível se ter experimentações como ouvir a fauna local, observar a flora circundante e ter um contato mais próximo com o entorno edificado (Figura 31).

Figura 31 – Trilhas do Vale



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figura 31 – Platô de permanência com entorno edificado ao fundo



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Apesar de este trajeto ser o mais acessível e, em sua maior parte, o mais agradável, o trecho que marca a transição entre o Vale dos Contos e a região do Horto Botânico ⁵⁴possui uma mata circundante mais fechada e próxima, um muro circundante, além de

⁵⁴ Verificar Figura 26 – Setorização Interna do Parque

estar nas adjacências do córrego que apresenta mau cheiro e presença de lixo, transparecendo ser um trecho ermo e intimidador (Figuras 32 e 33).

Figuras 32 e 33 – Trechos de transição do Vale de sensação intimidadora



Fonte : Acervo Pessoal, 2019

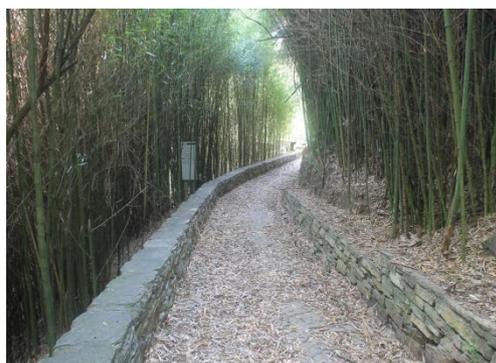
Ao adentrar a porção do Horto Botânico pela portaria da Padre Rolim, se depara com as edificações que abrigavam a lanchonete e os sanitários e uma ampla área de conformação entre eles. Ao ingressar pelas trilhas, de imediato percebe-se o caminho encoberto pela vegetação, o que trouxe a sensação de inibição (Figura 34). O início do trajeto é demarcado por vasto número de bambus que circundam as trilhas (Figura 35); ao descer em sentido ao Vale, a trilha única se divide em várias outras menores e tortuosas conectadas entre si⁵⁵.

O trajeto se torna mais íngreme, se fazendo presentes pontes e escadas que garantem uma sensação de “surpresa” ao que se vai encontrar mais adiante (Figura 36). Não foi possível acessar a porção mais a oeste, onde se localizava o pequeno anfiteatro, devido a deslizamentos em um dos acessos e obstrução do outro pelo alastramento desordenado da vegetação, fatores que impediram o trânsito no local (Figura 37). O espaço onde se localiza a fonte (Figura 38) é o mais aberto dentre os que se conseguiu acessar, além de ser circundado por decks com mobiliário trazendo a sensação de área de respiro e permanência. A vegetação mais densa e bem desenvolvida, leva a acreditar que durante

⁵⁵ Verificar Figura 26 – Setorização Interna do Parque

o período de fechamento não houve ocupação nem manutenção desta porção como visto na região do Vale dos Contos (Figura 39).

Figura 34 – Caminho encoberto pela vegetação Figura 35 – Trilha circundada por bambus



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Figura 36 – Trajeto mais íngreme

Figura 37 – Deslizamento próximo ao anfiteatro



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

Figura 38 – Fonte

Figura 39 – Vegetação cobrindo o mobiliário



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

A partir de todas essas análises, fica claro como cada uma das duas regiões se comporta, o potencial que elas assumem de acordo com sua setorização, e ainda é possível identificar como os problemas relatados as prejudicam. Outro aspecto observado foi a sensação que a presença do gradil transmitia - a utilização desse elemento como meio de proteção de um bem público pode causar inibição do usuário e assumir um caráter de proibição levando-o a não se sentir à vontade em adentrar no local. Porém, o gradil presente em toda extensão do parque causou a sensação de segurança em relação ao meio externo e não sensação de vulnerabilidade e, além disso, foi identificado como essencial para a separação dos limites entre os lotes privados e o parque propriamente, evitando futuros conflitos nesse sentido.

5.4 Análise das mensagens administrativas

As funções das placas instaladas no parque se dividem em: mapeamento do local, orientação, e quanto aos sentidos dos percursos e atrações, informações quanto as espécies encontradas e placas educativas, incentivando a preservação do espaço. Foram confeccionadas em aço inox, possuem pictogramas e fonte legíveis e coloração verde e vermelha em harmonia com o ambiente (Figuras 40 e 41). Encontram-se, atualmente, poucas em estado de depreciação, sendo a maioria em mau estado de conservação passível de recuperação com limpeza adequada (Figuras 42 e 43). Caso seja necessária a substituição ou introdução de novas, indica-se o uso de mesma tipologia, uma vez que elas possuem as características estéticas originais favoráveis. Não se constatou a presença de placas restritivas, o que remete a inúmeras livres possibilidades de uso que o espaço assegura.

Figuras 40 e 41 – Exemplos de placas encontradas no parque



Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2013

Figuras 42 e 43 – Estado atual de depreciação das placas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

5.5 Diagnósticos do estado dos equipamentos arquitetônicos, de lazer, infraestrutura e questões ambientais/ paisagísticas.

A maioria das patologias e problemas encontrados são de ordem geral, ou seja, se repetem em vários elementos e áreas do parque; no entanto, alguns apresentam pontos críticos que requerem medidas mais incisivas. No projeto original, foram utilizados materiais semelhantes nos equipamentos arquitetônicos, nos de lazer e na infraestrutura - dessa forma, identificaram-se suas características e qualidade, em seguida as patologias encontradas⁵⁶ e, então, indicou-se as medidas interventivas. Para as questões ambientais e paisagísticas, primeiramente, se tomou conhecimento do funcionamento dos sistemas que fazem parte e das características naturais da área para a identificação da origem dos problemas e, então, indicação das medidas interventivas, atentando-se ao fato de que seria necessária ação mais profunda de profissionais das diferentes áreas que incorporam essas questões.

5.5.1 Equipamentos arquitetônicos

Os equipamentos construídos se dividem em: três guaritas destinadas às portarias (Figura 44), três lanchonetes, dois sanitários e um conjunto próximo a quadra destinado a um vestiário feminino e outro masculino, uma pequena sala de primeiros socorros e um pequeno depósito destinado à alocação de material esportivo. Como meio de promover uma unidade entre eles, foram implantados pergolados que funcionavam como conformadores de espaços, segundo o memorial descritivo do projeto (Figuras 45 e 46).

⁵⁶ Para todas as patologias estudou-se caso a caso com a Professora Júlia Castro Mendes do departamento de Engenharia Civil – UFOP, atuante na área de patologias das construções.

As guaritas possuem 3,20 m² de área, as lanchonetes 9,29 m² (Figuras 47 e 48), os sanitários 8,84 m² e conjunto dos vestiários 49,20 m² (Figura 50). Nas visitas de reconhecimento do estado atual do parque, notou-se a presença de grande quantidade de objetos abandonados, principalmente: roupas, garrafas, peças de madeira e entulhos. Além desses, notou-se a ausência das bancadas anteriormente instaladas nas lanchonetes e sanitários e a depredação dos espelhos e louças dos vestiários e sanitários. Além disso, identificou-se um grande número de patologias existentes nos elementos que compõem as estruturas proveniente da exposição constante a intempéries e ações de vandalismo. A maioria desses elementos, no entanto, parecem passíveis de recuperação, e aqueles que, de forma excepcional, apresentarem deterioração que impeça a sua utilização, ou estiverem ausentes, recomenda-se a substituição por outras novas de mesmo modelo e material.

Figura 44 – Guarita da Portaria do Pilar



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

Figuras 45 e 46 – Pergolado que conforma a portaria da Padre Rolim ao fundo lanchonete à frente; sanitários (da esquerda para a direita)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

Figuras 47 e 48 – Lanchonetes mais sanitário e lanchonete próxima a quadra, ambas no Vale (da esquerda para a direita)



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figura 49 - Conjunto dos vestiários



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

a) Estrutura e elementos estéticos

As guaritas, lanchonetes e sanitários são compostos por faces em alvenaria pintadas em laranja e revestidas por réguas de madeira maçaranduba de 8 cm de largura; 2 cm de altura e comprimentos variáveis, e também por faces estruturadas por pedras de quartzito, do tipo Ouro Preto, aparentes nas faces interna e externa. Já o conjunto destinado aos vestiários, sala de primeiros socorros e depósito, também construídos em alvenaria, são revestidos externamente por tinta PVA verde, e encontram-se rodeados por paredes revestidas pelo mesmo modelo de pedras de quartzito tipo Ouro Preto, criando corredores de acesso ao conjunto formado.

Madeira

A madeira maçaranduba possui coloração vermelho-acastanhada e se caracteriza por ser resistente ao ataque de fungos e cupins; quanto a sua trabalhabilidade, apresenta facilidade em ser torneada, colada, pregada e parafusada. A primeira patologia analisada se caracteriza pelo desprendimento das peças e falhas de encaixe entre si. Como se pode observar nas Figuras de nº 50 e 51, foram utilizados pregos, mas o reencaixe pode ser realizado por parafusos ou colas, de maneira cuidadosa e adequada, atentando-se para que a madeira não rache.

Figura 50 e 51- Falhas de encaixe das peças de madeira



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Foram constatados também: o ataque por fungos nas peças de madeiras, devido a exposição à alta umidade por tempo prolongado⁵⁷, (Figuras 52 e 53), além de lodo e manchas escuras (Figuras 54 e 54). Identificou-se danos superficiais que modificaram o aspecto visual da madeira, como sua coloração, brilho e o aspecto liso, mas não comprometeram sua resistência mecânica. Recomenda-se uma limpeza simples por água e sabão neutro, em seguida o lixamento para remoção da camada superficial alojada e por fim camada de verniz fungicida para madeira, que mantenha a cor natural, de modo a garantir sua proteção.

⁵⁷ Os fungos se alimentam das células da madeira e assim ocasionam o crescimento de diferentes hifas que formam massas algodoadas. Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Departamento de Engenharia Civil. Patologias das Construções. Ouro Preto, MG: UFOP, 2019. 1109 slides: Patologias.

Figuras 52 e 53 – Massas algodoadas causadas pela presença de fungos



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figuras 54 e 55 – Presença de lodo e manchas escuras



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

As peças utilizadas na portaria, lanchonete e sanitário da região do Horto de acesso pela rua Padre Rolim, apresentam melhores condições do que as encontradas na região do Vale, como demonstrado nas Figuras 56 e 57. Recomenda-se limpeza simples, com pano úmido e nova camada de verniz naquelas que apresentam indícios de desgaste. Já aquelas que se encontram ausentes, prejudicando a estética do equipamento, devem ser repostas (Figura 58).

Figuras 56 e 57 – Peças em melhores condições localizadas na portaria, lanchonete da região do Horto



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figuras 58 – Peças em que necessitam de substituição



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Pintura das Alvenarias

A partir nas análises anteriores é possível identificar patologias nas paredes de alvenaria, tanto das guaritas, quanto do conjunto dos vestiários, como pichações e manchas (Figuras 59 e 60). Além disso, nas guaritas, algumas apresentavam descascamento da pintura em alguns pontos que podem ter sido causados por falhas no processo de preparo da mesma, ou por presença de poeira ou sujeira do substrato, falhas na aplicação da tinta ou qualidade da mesma. Como as patologias são superficiais e não prejudicaram a funcionalidade da alvenaria, recomenda-se, para todos os casos, o lixamento da superfície, limpeza com pano úmido, aplicação de um fundo preparador

para garantir maior proteção da parede e conservação da nova pintura e, por fim, realizar uma nova pintura. Deve-se usar tinta acrílica de mesma coloração, no caso das guaritas, uma vez que esta é solúvel em água, possui rápida secagem e como contém resinas acrílicas em sua composição, proporciona maior impermeabilidade.⁵⁸ Para o conjunto dos vestiários, indica-se uma pintura artística resistente a intempéries, como a técnica de grafites, por exemplo, que além disso garante uma estética diferenciada.

Figuras 59 e 60 – Pichações e manchas nas paredes de alvenaria



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

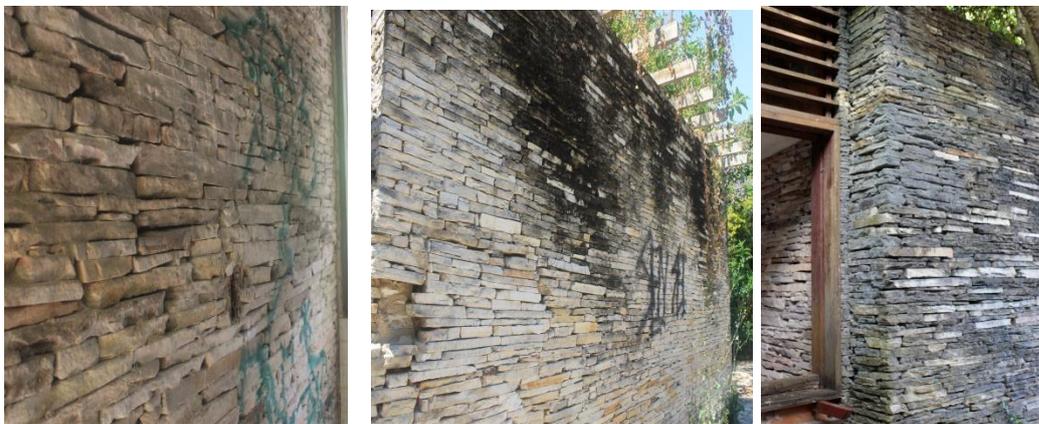
Pedras de Quartzito Ouro Preto

As pedras de quartzito possuem alta dureza e resistência à abrasão, baixa absorção de calor e água, e ainda se caracterizam por serem antiderrapantes, sendo altamente indicadas para o uso externo. Foi observada a presença de pichações (Figura 61) e concentração de agentes biológicos em certos pontos. Diante da característica apresentada, acredita-se na deposição de líquens típicos por formarem uma camada densa de coloração escura e roxeada (Figuras 62 e 63), acredita-se que essa patologia se desenvolveu devido a constante umidade nas fachadas proveniente do acúmulo de água da chuva direcionado diretamente para ela. Em ambos os casos se recomenda uma primeira limpeza com água e sabão neutro executadas por uso de escovas de cerdas rígidas, ou jatos de pressão d'água aplicados de forma cuidadosa para não agravar o estado de deterioração. Caso essa primeira lavagem seja insuficiente, recomenda-se o uso de produtos não abrasivos e diluídos em água, adequados ao material e específicos para a finalidade que é destinado, como removedores de tintas e soluções prontas vendidas no mercado para limpeza pesada, ambas para pedras desse tipo. No caso das pichações

⁵⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Departamento de Engenharia Civil. Patologias das Construções. Ouro Preto, MG: UFOP, 2019. 1109 slides: Patologias.

indica-se a aplicação dos produtos citados por pincel somente em cima da área afetada, e na remoção dos líquens, a utilização de escovas, e depois, se necessário, novo jato d'água⁵⁹.

Figuras 61, 62 e 63 – Pichações e presença de líquens (da esquerda para a direita)



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

b) Revestimentos internos

O piso dos sanitários, lanchonetes, vestiários e sala de primeiros socorros são revestidos por cerâmicas esmaltadas de coloração clara, de dimensões de 0,20 x 0,20 m e espessura de 7 mm. Já as portarias e depósito possuem piso de cimento camurçado, com juntas plásticas de dilatação distanciadas em 1,00m entre si. Já as paredes desses ambientes recebem revestimento também em cerâmica esmaltada de coloração clara, mas de peças lisas e de dimensões 0,10 x 0,10 m e 7 mm de espessura, (Figuras 64, 65 e 66 enquanto as guaritas e depósito recebem acabamento com pintura de tinta PVA branca.

Os tetos de todos os equipamentos, recebem pintura em tinta PVA látex branca, sendo o dos vestiários diferenciado dos demais equipamentos por sua cor verde.

Cerâmica esmaltada

As cerâmicas esmaltadas do piso e das paredes possuem alta durabilidade, e destaca-se que as do piso são classificadas em PEI-5, ou seja, destinadas a lugares externos e de alto tráfego, possuem alta resistência mecânica e à abrasão. Identificou-se alta ocorrência de pichações, sujeira e acúmulo de materiais, não sendo constatadas patologias prejudiciais à funcionalidade das mesmas, como pode ser observado nas

⁵⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Departamento de Engenharia Civil. Patologias das Construções. Ouro Preto, MG: UFOP, 2019. 1109 slides: Patologias.

figuras 64 a 69. Diante da incidência recomenda-se uma primeira limpeza superficial com pano úmido em ambos os sistemas. Para os revestimentos ainda não recuperados totalmente, indica-se limpeza por ácido muriático diluído em água aplicado com cautela por meio de borrifamentos e escovação e manuseado de forma segura, indicando-se o uso de botas e luvas de borracha e óculos de ampla visão à prova de gases⁶⁰.

Figuras 64 e 65 – Situações encontradas nos sanitários



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figuras 66 e 67 – Situações encontradas nas lanchonetes



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

⁶⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Departamento de Engenharia Civil. Patologias das Construções. Ouro Preto, MG: UFOP, 2019. 1109 slides: Patologias.

Figuras 68 e 69 – Situações encontradas nos vestiários



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Na sala de primeiro socorros foi identificado descolamento dos revestimentos das paredes (Figuras 70 e 71), que além de prejudicar a estanqueidade e a estética, pode comprometer a integridade física das pessoas. Diante da análise da situação do substrato e forma da falha, conclui-se um descolamento limpo, ou seja, o descolamento não veio acompanhado de estufamentos, fissuras ou similares, causado pela aderência insuficiente. A falta de aderência pode ser advinda de problemas na base, como aspecto mais liso que o indicado, problemas de absorção, ou presença de umidade ou substâncias indesejadas, falhas na execução e aplicação da argamassa utilizada e ainda falhas como tardoz liso⁶¹ ou na própria aplicação da cerâmica. Recomenda-se a aplicação de um novo revestimento semelhante ao utilizado, atentando-se à qualidade das novas peças e harmonia com os demais.

⁶¹ Face posterior da cerâmica que garante aderência da mesma à parede. Deve apresentar superfície rugosa o suficiente para garantir um bom desempenho. Fonte: INOVACIVIL. Aplicação de Revestimento Cerâmico em Fachada. Disponível em: <https://www.inovacivil.com.br/aplicar-revestimento-ceramico-fachada/>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

Figuras 70 e 71 – Descolamento dos revestimentos cerâmicos das paredes da sala de primeiros socorros.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Pintura em Tinta PVA látex

Identificaram-se patologias nas guaritas destinadas à portaria (Figuras 72 e 73) e no teto de todos os equipamentos semelhantes àquelas da pintura das alvenarias externas: descascamento, manchas e pichações. Mesmo que agora se trate de ambientes internos, recomenda-se o mesmo procedimento já mencionado anteriormente para pinturas em tinta PVA látex, inclusive a substituição da tinta PVA pela tinta acrílica. Já as paredes do depósito (Figura 74) apresentam umidade característica da ação de infiltração; neste caso, indica-se análise mais profunda, até que se encontre a fonte do problema e, quando solucionado, recomenda-se o mesmo tratamento das demais paredes semelhantes a essas.

Figuras 72, 73 e 74 – Patologias encontradas nas portarias e em no depósito (da esquerda para a direita)



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

c) Louças, bancadas e rodapé

Nos sanitários e vestiários foram utilizadas bancadas, rodapés e divisória de cabines de Granito Cinza Corumbá⁶² e louças brancas de alta qualidade, como pode ser observado nas figuras 75 e 76. Os elementos de granito somente apresentam pichações não sendo necessária a substituição. Recomenda-se então, limpeza semelhante a indicada para as pedras de quartzito pichadas. Já quanto às louças, indica-se a substituição de todas sem exceção por apresentarem danos irreparáveis como a quebra.

Figuras 75 e 76 – Patologias das louças e elementos de granito



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

d) Esquadrias

O sistema de ventilação se fez por meio de basculantes na face posterior dos sanitários (Figura 77) e no conjunto dos vestiários, com esquadrias de madeira e vidro, e nas lanchonetes e guaritas por venezianas de mesmo material na face frontal. Recomenda-se a substituição dos vidros e recuperação das madeiras que apresentam patologias semelhantes as já citadas. Quanto às venezianas, somente a da lanchonete do Horto encontram-se ainda presentes e em boas condições, por tanto necessita-se da introdução de novas nas portarias e lanchonetes do Vale.

⁶² Granitos possuem alta resistência à abrasão e pouca absorção de água, dessa forma são amplamente indicados por serem duráveis e menos suscetíveis a manchas e problemas estéticos.

Figura 77 – Basculante do sanitário depredada



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

As portas, também em madeira, necessitam de substituição por apresentarem patologias de difícil tratamento como deterioração por ação do fogo, ou quebras irreparáveis que não devolverão sua integridade física de modo a desempenharem seu devido papel.

e) Sistema de cobertura

Para cobertura de todos os equipamentos utilizou-se do mesmo sistema de telhado verde construído em pré-laje treliçada de concreto, impermeabilizada por uma hipermanta de 4,0 mm de espessura, à base de asfalto modificado e estruturada com uma armadura não têxtil composta por filamentos de poliéster. Essa impermeabilização recebeu um colchão de brita de diâmetros variando entre 2,0 e 5,0 cm, sobre o qual foi colocada uma manta geotêxtil, do tipo bidin, que recebeu uma cobertura de 30 cm em terra vegetal onde foram plantadas algumas espécies. Um sistema de telhado verde adequado⁶³ é composto por camadas sobrepostas, sendo elas, de baixo para cima: substrato, membrana à prova d'água, barreira contra raízes, sistema de drenagem, tecido permeável, solo e vegetação, ou seja, implantou-se um sistema adequado, não sendo necessária sua substituição.

Aparentemente, ele encontra-se em plano funcionamento diante da não ocorrência de patologias nos equipamentos proveniente de possíveis falhas na cobertura, porém, identificaram-se problemas advindos da falta de manutenção das espécies que se

⁶³ UGREEN. Telhado Verde: Uma Estratégia Com Vantagens Diversas. Disponível em: <https://www.ugreen.com.br/telhado-verde/>. Acessado em: 15 de novembro de 2019.

encontram em constante crescimento desordenado, como pode ser observado na figura 78. Dessa forma, recomenda-se a verificação dos elementos que compõem o sistema, a remoção da vegetação existente, introdução de nova camada de terra vegetal e plantio de novas espécies destinadas a forração e/ou de pequeno porte, que suportem sol pleno, clima frio e necessitem de pouca água, como por exemplo, grama amendoim (*Arachis reppens*) para forração e Bulbine (*Bulbine frutecens*) como planta de pequeno porte. A manutenção deve acontecer de forma periódica, incluindo poda e remoção das ervas daninhas, além de rega regular em períodos de seca.

Figura 78 – Falta de manutenção do telhado verde da portaria do Horto



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

f) Pergolados

Os pergolados são responsáveis por formar um elo entre os equipamentos criando ambientes de permanência. Confeccionados em peças retangulares de madeira ipê, apresentam ausência de algumas peças (Figura 79) e presença de fungos (Figura 80), em semelhança às peças de madeira maçaranduba que revestem externamente os equipamentos arquitetônicos. Recomenda-se o mesmo tratamento já apontado e, para as peças em ausência, introdução de novas do mesmo material e dimensões.

Figura 79 – Ausência de peças do pergolado Figura 80 – Presença de fungos



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

5.2 – Equipamentos de lazer e descanso

a) Decks e mobiliário

Os decks funcionam como espaços de estar e contemplação, são formados por módulos de diferentes dimensões compostos por estrados de madeira tipo ipê, contornados por muros de pedra quartzito tipo Ouro Preto e por perfis tubulares de aço apoiados em estrutura de também de aço. Recebem, nas extremidades, bancos alinhados aos muros construídos nos mesmos materiais; já no centro de alguns, há ainda a presença de robustas mesas, também em madeira, fixadas ao piso por peças também de aço. Os módulos distribuídos ao longo das trilhas apresentam idênticas patologias - alta invasão de vegetação e presença de fungos, como pode ser observado nas figuras 81 e 82. Esta última se manifesta também nos suportes de aço que fixam o mobiliário ao chão. Destaca-se que na região do Horto um deles encontra-se em total estado de depredação e, em outros locais, alguns mobiliários encontram-se sem algumas de suas peças(Figuras 83 e 84). Recomenda-se a retirada da vegetação indesejada por meio de capina ou roça, e o mesmo tratamento das madeiras já recomendado. Quanto às peças de aço, são necessários o lixamento da pintura para retirada da mesma e a remoção dos fungos presentes, então, nova aplicação de primer preparador de esmalte sintético para aço de mesma coloração.

Todos os mobiliários presentes são fixos aos decks, mas acredita-se que o parque possui potencial e necessidade de introdução de novos mobiliários efêmeros, que dessa forma poderiam ser transportados para as diferentes áreas do parque e se adequariam ao diversos usos que o local abriga. Por se tratar de um ambiente a céu aberto, indica-se o uso de materiais resistentes as intempéries.

Figuras 81 e 82 – Presenças de vegetação invasora nos módulos e de fungos nas peças de madeira e aço



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figuras 83 e 84 – Estado de depredação do deck e mobiliário na região do Horto



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

b) Anfiteatros

Foram construídos dois anfiteatros, sendo o de capacidade maior, de 130 lugares, localizado no Vale próximo a quadra e o menor, de 60 lugares, localizado na região do Horto. Possuem pisos de pedra quartzito e são delimitados por muretas, as arquibancadas são em tábuas de madeira fixadas por aço semelhante ao mobiliário encontrado nos decks. Só se conseguiu acesso ao anfiteatro de maior porte. O principal problema identificado é a presença de vegetação de médio e grande porte cobrindo o espaço, como pode ser visto na figura 85, sendo necessária a remoção da mesma. Já para as patologias das arquibancadas (Figura 86), recomenda-se o mesmo tratamento para pedras, madeira e aço já citados naquelas que fizerem necessárias.

Figura 85 - Vegetação invasora no anfiteatro Figura 86 – Arquibancada do anfiteatro



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

c) Quadra e arquibancadas

A quadra foi construída no local de um dos campos de futebol encontrados desde as primeiras ocupações da área do Vale. Possui dimensões de 27,00m x 15,0m, de pavimentação em concreto armado, revestida por lona plástica de polietileno e por grama sintética em fibrilado de polietileno. O material sintético possui um valor alto de instalação, mas recomenda-se a sua utilização por ser resistente, o que diminui os gastos com manutenção, tem uma boa adaptabilidade aos diversos tipos de terreno e não é dependentes de luz solar, nem de irrigação. Atualmente apresenta falhas nas junções das placas, como pode ser observado pelas figuras 87 e 88, que ocasionaram o deslocamento das mesmas. É necessário a convocação de uma empresa especializada para avaliação e manutenção do problema, mas pode-se alertar quanto a atenção que deve ser dada a compactação da grama e disposição de detritos sobre a mesma, por parte dos usuários, que podem estabelecer como medida de manutenção a limpeza e vistoria da mesma.

Figuras 87 e 88- Falhas nas junções das placas da quadra



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Já o piso de acesso às arquibancadas (Figura 89), e o próprio piso da mesma (Figura 90), apresentam trincas e fissuras, respectivamente. Foram utilizados piso cimentício e acredita-se que, de acordo com as características apresentadas, as patologias se deram por falta de detalhamento da armadura, ou da junta de dilatação, no primeiro caso, e uso de material diferente entre piso e contrapiso, no segundo caso. Para o primeiro caso, recomenda-se a abertura da trinca, limpeza e remoção da vegetação, aplicação de um grout de reparo, lixamento da nova base e aplicação de tinta epóxi, uma vez que essa apresenta alta resistência à umidade e à abrasão, além de possuir boa aderência.

Figuras 89 e 90- Trincas e fissuras, respectivamente.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

d) Parquinho

Para o parquinho infantil que se encontra na região do Vale, no espaço de conformação entre os sanitários e as lanchonetes, foram implantados brinquedos tradicionais, como: gangorras, escorregadores (Figura 91), todos em tubos de ferro pintado. Além disso, havia a presença de alguns equipamentos de ginástica (Figura 92), como barras e pranchas de ferro e madeira. Poucos dos elementos ainda estavam presentes no local e, os que ainda permaneciam, não apresentavam condições de uso por estarem quebrados e em estado de corrosão, colocando em risco a saúde do usuário. Recomenda-se a instalação de novos equipamentos para o parquinho e aparelhos de ginástica. Dentre as inúmeras possibilidades de sistema construtivo para o parquinho indica-se o uso de materiais produzidos em madeira plástica, uma vez que eles apresentam alta durabilidade e resistência a intempéries, é considerado sustentável e garante estética em harmonia com os demais equipamentos do parque.

Figuras 91 e 92 – Equipamentos de ginástica e escorregador, respectivamente.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

5.3 Infraestrutura

a) Escadas e pontes

Foram utilizadas escadas e pontes para interligar setores - as escadas conectam a região do Horto ao Vale, e as pontes servem de travessia do rio. Como pode ser visto nas figuras 93 e 94, as escadas e o guarda-corpo são de aço e apresentam patologias superficiais, como: desgaste da pintura e presença de fungos, não ocasionando problemas estruturais. Recomenda-se a limpeza e lixamento da superfície e aplicação de esmalte sintético para aço de mesma coloração.

Figuras 93 e 94 – Desgaste da pintura e presença de fungos na escada



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

b) Iluminação

A iluminação das trilhas não é presente em toda extensão do parque - foram utilizadas arandelas embutidas instaladas nos muros delimitadores desde a portaria do Pilar até próximo a Ponte dos Contos. Foram contabilizados 28 pontos de iluminação, porém a maioria em estado de depreciação, com ausência dos fios condutores e mau estado de conservação das caixas, como pode ser observado na figura 95. No interior das edificações é recorrente a ausência dos interruptores e lâmpadas (figuras 96 e 97). e também o mau estado de conservação das luminárias, que são do tipo retangular, de sobrepôr, além da depreciação dos quadros de distribuição. É necessária a reconstituição do sistema de alimentação de energia e a introdução de novos elementos em substituição aos ausentes e deprecados.

Figura 95 – Ausência dos fios condutores das arandelas



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figuras 96 e 97 - Ausências dos interruptores e lâmpadas, respectivamente.

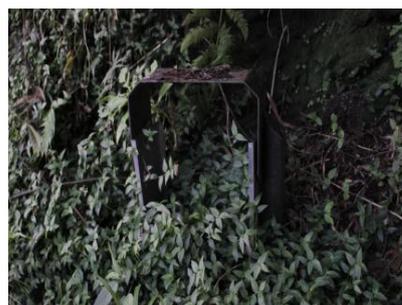


Fonte: Acervo Pessoal, 2019

c) Lixeiras

Foram utilizadas lixeiras de aço retangulares dispostas em alguns pontos da trilha. Recomenda-se a introdução de novas, do mesmo modelo, mas dispostas em mais pontos das trilhas, assim como a substituição das que foram depredadas (Figuras 98 e 99).

Figuras 98 e 99 – Lixeiras em mau estado de conservação e depredadas



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

d) Trilhas

As trilhas possuem largura e inclinação variadas construídas de acordo com a conformidade do terreno e delimitadas por muretas baixas, que apresentam alta presença de líquens. Recomenda-se limpeza semelhante às paredes de pedra quartzito, já mencionadas, para aos pontos críticos que se pode observar na figura 100, como exemplo. Para a sua pavimentação foram utilizados blocos intertravados de concreto, cor ocre, e em algumas partes da porção do Horto pedras de quartzito de tamanhos irregulares. Os blocos intertravados apresentam vantagens por serem duráveis, impermeáveis, exigirem baixa manutenção, facilidade de instalação e boa estética. As trilhas necessitam de capina e roçamento para retirada da vegetação que obstrui o caminho (Figura 101). Alguns pontos das trilhas apresentaram situação crítica, com deslocamento dos mesmos (Figura 102). Nesses casos recomenda-se a retirada das peças, identificação e solução da origem do problema, como infiltração ou enchimento do solo, em seguida nova camada de assentamento e compactação do solo e relocação das peças.

Figura 100 – Muros de pedra coberto por fungos



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figura 101 – Vegetação obstruindo as trilhas



Figura 102- Deslocamento do piso



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

e) Portões e grades

As grades e os portões das guaritas de acesso são responsáveis por marcar a delimitação do parque com o ambiente externo, bem como garantir a proteção em áreas mais altas. São confeccionados em aço cortain⁶⁴ com exceção de alguns pontos que recebem gradeamento por aço inox pintado de verde. De forma geral, as grades apresentam ótimo estado de conservação, sendo necessárias substituições apenas nos pontos em que se encontram destruídas devido a deslizamentos das encostas próximas. Já os portões devem ser substituídos por não apresentarem boa funcionalidade e patologias irreversíveis.

5.4 Questões ambientais e paisagísticas

Problemas relacionados ao meio natural estiveram presentes em todas as fases que o parque atravessou; inclusive, foram fatores determinantes para a suspensão de suas atividades em momento anterior⁶⁵. De acordo com as visitas realizadas e conversas com a SMMA, contata-se problemas ainda referentes ao saneamento do córrego, sistemas de drenagem e esgoto sanitário, instabilidade do solo em algumas encostas e agora, devido à falta de manutenção recorrente, a vegetação encontrava-se em crescimento desordenado, resultado em emaranhados onde se confunde as espécies introduzidas e as daninhas.

Ao percorrer a região do Vale dos Contos foram identificados pontos de infiltração, canalização destruída aparente em um ponto e dois pontos críticos de deslizamentos. Aspectos que podem ser observados nas figuras de 103 a 107. Além disso, o córrego apresentava mau cheiro, depósito de lixo (ainda que em pouca quantidade) e mata ciliar não preservada, como(Figuras 108 e 109).

⁶⁴ Aço de baixa liga, caracterizado por sua alta resistência a corrosão.

⁶⁵ Parte dos problemas que ocasionaram a suspensão das atividades do parque e seu fechamento ao público em 2015 derivam de questões ambientais. Consultar seção 3.5 - Suspensão das atividades: razões ambientais e políticas.

Figura 103 – Ponto de Infiltração



104 - Canalização Destruída



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figuras 105, 106– Deslizamentos do solo prejudicando as trilhas



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figura 107 – Deslizamento de terra obstruindo a escada



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Figuras 108 e 109 – Situação do Córrego dos Contos



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Para o saneamento do córrego é importante conhecer a origem dos problemas para que se entenda o porquê da complexidade dos mesmos e se compreenda a dificuldade de resolução, visto que algumas questões sempre estiveram presentes. O córrego dos Contos deságua no Rio do Carmo, conhecido também como Ribeirão do Funil, que compõe a Bacia Hidrográfica do Rio Doce e recebe diretamente a água pluvial e de despejo sanitário proveniente das edificações e ruas do entorno. Em nova entrevista com o Secretário da SMMA, Antenor Barbosa, quando perguntado se estão previstas medidas para tratamento dos sistema de drenagem e esgotamento sanitário na atual fase de obras de reforma que o parque se encontra ele relata a existência do problema já conhecido desde a implantação do mesmo: as redes não possuem separador absoluto de água pluvial e esgoto sanitário e, dessa forma, os despejos se misturam. Expõe, ainda, que a separação é complicada, e que o órgão responsável pelo esgotamento sanitário é o SEMAE, enquanto a drenagem pluvial fica sob responsabilidade da Secretaria de Obras e que estes, no momento :

Estão se entendendo, como o recurso não era suficiente para fazer tudo, tão se entendendo para fazer pelo menos um paliativo, nós não queremos o esgoto lá dentro, lamentavelmente vai colocar o esgoto um pouquinho pra baixo, porque ainda Ouro Preto tem seus corpos d'água com esgoto a céu aberto, mas também isso está sendo resolvido. (informação verbal⁶⁶).

⁶⁶ Entrevista concedida por Antenor Rodrigues Barbosa Junior. 13 de Novembro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (12 min).

Ele relata que foi feita a concessão do serviço de água e esgoto no município por meio da parceria entre uma empresa espanhola de capital coreano com outras duas do Município de Belo Horizonte, e que esta irá assumir a gestão de ambos os sistemas no município. Ressalta, entretanto, ser uma ação a longo prazo, mas que já foi elaborado o cronograma e ele acredita que dentro de cinco anos todos os corpos d'água estarão livres do esgoto sanitário.

Complementando a questão, Felipe Ramos⁶⁷, profissional atualmente da área de Engenharia Urbana e membro do Núcleo de Pesquisa em Direito do Patrimônio Cultural – NEPAC da UFOP, ressalta o fato do município de Ouro Preto não exercer um controle sobre o despejo inadequado das edificações, revelando-se um problema histórico do município e de negativos impactos ambientais e visuais. Salienta que ainda no córrego não são realizadas medições, como Índice de Qualidade da água – IQA, nem o Índice de Qualidade do Saneamento Básico – IQSA uma vez que não há tratamento de água adequado. Acrescenta, ainda, que a única ETE em funcionamento no município se localiza no distrito de São Bartolomeu, e que as outras estão com atividades suspensas, algumas até por decisão judicial. Além disso, ainda que o município estivesse com todo seu tratamento de esgoto funcionando, só se conseguiriam tratar cerca de 3,36 % do esgoto total gerado nas condições atuais, o que demonstra a ineficiência no trabalho do SEMAE junto a Prefeitura.

Segundo Ramos, no Plano Municipal de Saneamento Básico – PMSB, desenvolvido em 2013, cogitou-se a hipótese de um tratamento de esgoto no município da ordem de 140 milhões de reais. Porém, os dados encontram-se desatualizados, e não é possível se ter precisão diante da realidade de falta de controle sobre os despejos. Ele aponta como a melhor alternativa apresentada, até então, o consórcio estabelecido para futuras obras de saneamento já relatadas anteriormente. Ele descreve que a empresa MIB Brasil, juntamente com a EPC Projetos e a GS Inima Brasil, esta última a empresa coreana, formam a empresa Sane Ouro, já localizada no bairro Nossa Senhora do Carmo, no distrito sede⁶⁸, que será responsável pela gestão a partir do

⁶⁷ Entrevista concedida por Felipe de Almeida Pereira Ramos. 13 de Novembro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min).

⁶⁸ Popularmente conhecido como Pocinho.

ano que vem, de modo a realizar trabalhos de tratamento de água e esgoto de custo estimado em 940 milhões de reais⁶⁹.

Diante de todas essas informações, ao abordar o saneamento do Córrego dos Contos presente no parque, primeiramente pensa-se na sua função. De acordo com todas inadequações dos sistemas analisados que prejudicam sua vitalidade e suas características como baixo nível d'água, moderada extensão e estreitamento e margens bem próximas às trilhas edificadas; identifica-se sua definição como ambiente lântico, devido ao movimento lento do curso d'água e a função do mesmo deve ser atribuída a de harmonia paisagística encaixando-se na categoria 4 ambos segundo a resolução CONAMA N° 357/2005. Aponta-se a possibilidade de estudos acerca de implantação de simples sistemas que poderiam auxiliar no saneamento e aliviar as más sensações causadas de mau cheiro e poluição como o de jardins filtrantes e wetlands (terras úmidas), recomenda-se profissionais da área para exploração da viabilidade destes sistemas.

Todo o parque é rodeado por encostas de morros e possui altitude com variação de 1040 a 1070 metros terreno se comporta por encostas íngremes formadas por paredões de filito localizados na região do Horto, esse tipo de solo possui alta suscetibilidade a deslizamentos caracterizando a área como área de risco, à medida que se direciona para a região do Vale as declividades diminuem apresentando alguns espaços planos. Recomenda-se uma inspeção e acompanhamento do comportamento do solo juntamente com a Defesa Civil, principalmente em períodos de chuva. Indica-se um estudo de viabilidade de sistemas de contenção alternativos como muros vegetativos ou utilização de resíduos sólidos representando um sistema mais rentável e ecológico em substituição aos sistemas convencionais de alto custo e materiais grosseiros, neste caso também é necessário que profissionais da área atuem de modo a estabelecer avaliação e manutenção mais profundamente.

O parque encontra-se na transição entre o Cerrado com a Mata Atlântica, o programa paisagístico empreendido contou com um projeto de enriquecimento florístico que dividiu toda área do parque em seis setores distintos de acordo com a característica do solo, de vegetação nativa e potencial de plantio, são elas: floresta mesófila estacional semidecidual, mata de candeias, mata ciliar do córrego, área de pastagem, região do Vale

⁶⁹ Ao que tudo indica, se demonstra ser investimento eficaz.

e paredões de filito em processo de escorregamento. Diante dessa divisão foram definidas as medidas de recuperação com indicação de as espécies a serem plantadas, limpeza e preparação do solo, técnicas de plantio e cuidados necessários no primeiro ano.

Atualmente é perceptível, diante de todas as análises anteriores, o quanto a vegetação se alastrou e emaranhou com as ervas daninhas invadindo as trilhas e equipamentos, dessa forma recomenda-se que a partir da setorização existente se faça reconhecimento da área e levantamento dos novos problemas existentes quanto ao solo e espécies, para esta última é necessário que se faça identificação das espécies presentes que devem permanecer e aquelas consideradas invasoras e, além disso, indica-se um estudo de métodos de controle de crescimento da vegetação abrigada de modo que ela se relacione melhor com o ambiente a volta.

6. PROPOSTA DE GESTÃO

A gestão do parque está a cargo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente desde o ano de 2012, sob a justificativa da prioridade do mesmo ser a preservação ambiental. Ao analisar todos os pontos que influenciam na reabertura do parque, de fato, percebe-se que a questão ambiental é a mais complexa de ser solucionada. Porém, a partir do conhecimento dos inúmeros projetos que o espaço abrigou que incluíam: lazer, cultura, educação e saúde, e do público que se conseguiu atingir, gerando interesse de turistas e moradores, enfatizando o fato da continuada ocupação do espaço por esses últimos (embora a situação fosse de fechamento ao público), faz-se inegável a importância do parque para diversos setores municipais. A princípio, estes poderiam se articular entre si, e até diretamente com a população interessada, em prol de uma gestão eficaz que, inclusive, poderia auxiliar na preservação ambiental e paisagística tão mencionada.

A proposta de um modelo de gestão implica no conhecimento das ações pretendidas e efetuadas pelas instâncias públicas acreditadas de possuírem potencial administrativo para tal, são elas as quatro seguintes: as Secretarias Municipais de Meio Ambiente; Turismo, Indústria e Comércio; Esporte e Lazer e Cultura e Patrimônio. Barbosa, secretário da SMMA, deixa claro que o próximo desafio é a gestão do espaço e levanta dois pontos a se considerar no que diz respeito aos trabalhos efetuados por sua secretaria: expõe que a crise na mineração impactou negativamente na falta de recursos do município e que, diante dos recursos escassos, a Prefeitura se vê obrigada a priorizar alguns setores e que estes tem sido: a educação, saúde e segurança. Além disso, ressalta novamente o fato da Secretaria ter um corpo de profissionais muito subdimensionado. Acrescenta, ainda, quanto ao Horto:

Eele pode até ser, para a população aqui do entorno, do Centro Histórico de Ouro Preto, pode até entender que ele é mais importante, ele ou a Andorinha mas ele é um dos cinco nos quais nós temos que tomar conta, então nosso grande desafio vai ser continuar buscando parcerias, dinheiro mesmo, pra poder fazer uma gestão adequada (informação verbal⁷⁰)

Expõe, ainda, a existência de um plano para ser implementado em parceria com a UFOP, que diz respeito à recuperação do papel do antigo Horto Botânico além do seu

⁷⁰ Entrevista concedida por Felipe de Almeida Pereira Ramos. 13 de Novembro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min).

papel de Unidade de Conservação (UC) e atrativo turístico o local abrigaria um espaço destinado à pesquisa. Para efetivação desse plano, no entanto, ainda seria preciso recursos financeiros. Uma alternativa utilizada, inclusive, pelo Estado em prol das UCs é o regime de concessão, porém ele não acredita ser o ideal, uma vez que o parque se tornaria um atrativo pago, e que a cidade em si já um atrativo e fornece um turismo de baixo custo. Porém, se a vitalidade do parque depender disso, será um caminho a se considerar. Quando perguntado se é possível se pensar numa gestão compartilhada entre as secretarias, visto as diversas áreas que o parque tangencia, o secretário relata:

Não muda o problema não precisa nem botar isso no papel, já é, o pessoal da área de esporte vai usar e usa sempre, hoje a gestão é da SMMA mas o turismo tem toda liberdade, o pessoal do esporte tem toda liberdade, é bem-vinda , mas não seria gestão seria utilização por parte de outras secretarias do município... pode aplicar os projetos aqui dentro , mas não resolve meu problema , meu problema é : eu preciso de guarda parques, preciso de instrutores ali dentro, preciso de segurança ali dentro, nas outras UCs também, ou seja, eu preciso de dinheiro pra gerir e nesse momento a coisa tá difícil. (informação verbal⁷¹)

O Departamento de Turismo, da Secretária de Turismo, Comércio e Indústria, por sua vez, informa que os projetos previstos para o parque se encontram no Plano Municipal de Turismo - 2007 a 2017, que consiste em orientações estratégicas para o desenvolvimento da atividade. A aplicação das diretrizes se estabelece por meio de metas que possuem seus indicadores, ou seja, cada ação prevista é guiada por instrumentos de gestão que irão garantir o acompanhamento das mesmas, indicando melhorias e correções.

O parque compõe o Programa 9 do Plano citado acima, que diz respeito ao Ecoturismo e Turismo Real, e se enquadra na meta 2, que objetiva a prática estruturada, normatizada e roteirizada dos mesmos e possui como indicadores a atuação de empresas juntamente com os órgãos reguladores, como por exemplo a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura - ABETA e a própria SMMA. A ação prevista de fato é de articulação da abertura do mesmo, caracterizada como uma ação de médio prazo. Samuel Sabino⁷², do próprio Departamento de Turismo expõe, que como a SMMA já está cumprindo com a ação de reabertura, considera-se que ela está sendo

⁷¹ Entrevista concedida por Antenor Rodrigues Barbosa Junior. 13 de Novembro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (10 min).

⁷² Entrevista concedida por Samuel Sabino. 14 de Novembro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (5 min).

realizada e quando os serviços realizados para tal estiverem finalizados a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio ficará responsável pela ampla divulgação do espaço como atrativo turístico. Essa será feita por meio de catálogos, panfletos, mapas, websites turísticos com o intuito de informar que o parque está aberto. No entanto, não há nada estruturado em termos de gestão, e caso a SMMA necessite uma articulação com o Turismo eles irão realizar, neste momento relata que o entendimento é que, apesar do parque ser um atrativo turístico, sua principal função é a de Unidade de Conservação Ambiental, suas implicações de natureza e botânica, justifica o fato da gestão estar a cargo da SMMA.

Quanto às ações da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, foi informado que não há projetos previstos a serem desenvolvidos no parque, já em relação à Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio não foi possível realização de entrevistas por parte dos agentes que saberiam informar a respeito.

Em complemento ao entendimento da atuação das secretarias citadas, busca-se o conhecimento da atuação das outras instâncias do poder público. Em conversa com o Vereador Chiquinho de Assis⁷³, ele aponta a falta de protagonismo do parque dentro do orçamento do município de Ouro Preto e ressalta a dificuldade de lutar pelos espaços públicos da cidade perante divergências de interesse com o poder executivo. Além disso, apesar das exigências da participação popular em alguns processos, a mesma pouco comparece às audiências públicas e não acompanha as decisões tomadas pelo poder público.

Para o vereador, a população de Ouro Preto não possui uma cultura de ocupar espaços públicos preferindo o lazer oferecido pelas praças ajardinadas que se encontram na próxima cidade de Mariana, mas que o projeto executado no parque foi capaz de unir diferentes públicos e se manteve como um espaço público que a população ocupava e agradava. Quanto ao Horto, relata preocupação com sua gestão e manutenção pós-reabertura prevista, uma vez que seu sucesso quando estava em funcionamento se deu no período que ADOP investia no espaço, levando-o a acreditar em parcerias público-privadas ou concessões.

⁷³ Entrevista concedida por Francisco de Assis Gonzaga da Silva. 13 de Novembro de 2019. Entrevistadora: Paula Ponciano Gomes Rosa. Ouro Preto, 2019. 1 arquivo .mp3 (32 min).

É perceptível a falta de ações articuladas entre os setores públicos que poderiam atuar em conjunto em prol da vitalidade do parque. Além disso, percebe-se que a falta de recursos financeiros é um importante fator que influencia tanto na manutenção do espaço nesse momento quanto como subsídio para seu pleno funcionamento quando este se mantém aberto ao público. É necessário então entender a questão orçamentária do município para entendimento da hierarquização e distribuição dos recursos.

Os instrumentos de planejamento e orçamento que regem o município são o Plano Plurianual – PPA, a Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO e a Lei Orçamentária Anual – LOA. No PPA constam as diretrizes e objetivos estabelecidos a um médio prazo, quatro anos, que deverão ser executadas pelo poder público; já a LDO indica as prioridades e políticas públicas cabíveis dentro do Plano e, por fim, a LOA estima o rendimento, e assim estabelece um programa de despesas. A LOA do município de Ouro Preto, projeto de 2019 para orçamento de 2020, declara uma receita total de 312 milhões de reais. Os setores mais beneficiados são os da saúde e da educação; já os recursos diretamente interessantes para este trabalho são distribuídos da seguinte forma:

Tabela 1 – Distribuição do orçamento de 2020 dos setores interessantes a atuarem no parque.

SETOR	RECURSO (R\$)
Cultura	3.962.064,00
Urbanismo	23.662.207,00
Gestão Ambiental	2.338.500,00
Desporto e Lazer	1.154.600,00

Fonte: Elaborado pela autora. Fonte: Lei Orçamentária Anual 2020 – Município de Ouro Preto- MG⁷⁴

Dentro da distribuição do orçamento previsto para a gestão ambiental a ser executada pela SMMA, atual gestora do parque, encontra-se a ação “Manter e criar Unidades de Conservação” com recurso total de R\$ 101.000,00 e “Manutenção de Praças,

⁷⁴ Ainda em processo de aprovação. A LOA aprovada para o município em 2018 – LEI 1125/2018, teve receita aprovada da ordem de R\$ 302.300.000,00 milhões.

Parques e Áreas Verdes" com total de R\$ 715.300,00 sendo desse valor R\$ 400.000,00 é proveniente de "Transferências de convênios Não Relacionados à Educação, à Saúde nem à Assistência Social" restando R\$ 315.300,00 de orçamento ordinário. Todos os recursos previstos para o parque se concentram nas ações empreendidas pela SMMA, porém todas as outras secretarias poderiam incluir em suas ações destinação de uma parte dos recursos para projetos a serem empreendidos em espaços públicos ativos da cidade, porém ressalta-se que este ideal dependeria de um interesse das próprias secretarias em articular o estreitamento de suas relações.

Portanto, diante da realidade apresentada, se pensar em um modelo de gestão totalmente dependente do setor público pode implicar na não priorização do espaço por recursos financeiros escassos e até mesmo por falta de interesse baseada na incompreensão da importância dos espaços públicos para a cidade. Por outro lado, uma gestão totalmente dependente do setor privado pode assegurar recursos para funcionamento e manutenção, mas pode implicar na gentrificação e distorção do conceito de público que o espaço conseguiu construir mediante ocupação dos seus usuários. Um modelo oportuno de gestão seria a regularização de uma fundação.

De acordo com a legislação que dispõe das finalidades das fundações⁷⁵, estas atuam em benefício da sociedade em prol da assistência social, educação, saúde, cultura, meio ambiente, pesquisas, entre outros. Instituem-se mediante a existência de um patrimônio que tem por finalidade servir a uma utilidade pública. No caso do parque, acredita-se que a instituição, por meio do envolvimento do setor público em conjunto com empresas privadas, escolas municipais e instituições de ensino, associações, comunidade e repúblicas, seria capaz de assegurar atratividade e recursos que influenciariam positivamente na vitalidade e manutenção do espaço, que por sua vez, beneficiaria toda a população. Além disso, acredita-se que a autonomia que essa possui, resulta em tomadas de decisões articuladas e ligeiras necessárias no espaço.

⁷⁵ LEI FEDERAL N º 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002 – Alteração LEI Nº 13.151, DE 28 DE JULHO DE 2015.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vista toda a análise feita durante o desenvolvimento do trabalho, fica claro que o parque urbano Horto Botânico e Vale dos Contos atravessou durante todas suas fases conflitos de diferentes ordens, sendo alguns já conhecidos desde o século passado quando o espaço que ele se encontra tornou pauta das diretrizes concebidas por diferentes arquitetos antecedentes ao projeto concebido. Alguns desses problemas perduram até hoje, mas a função de espaço de lazer e de conservação ambiental que o mesmo conseguiu agregar quando em funcionamento é de extrema importância para que se justifique a importância de se manter o local ativo.

A sua vitalidade é totalmente dependente de um sistema de gestão que assegure atratividade, bem-estar dos usuários e manutenção de sua estrutura física; ao mesmo tempo é inegável a complexidade que o espaço adquiriu mediante, principalmente, fatores ambientais e de recursos financeiros que atuam como empecilhos para seu funcionamento adequado. Ao analisar todos os processos que fazem parte da vida do parque, percebe-se como altos investimentos foram necessários⁷⁶, tanto para concepção, quanto no estágio atual de reforma e que, em ambas essas fases, o poder público se mostrou negligente não estabelecendo um plano de continuidade para o espaço. Trazendo a questão para a situação atual, o estágio de reforma é um importante avanço, porém os serviços não contemplam todos os problemas que o parque apresenta e, além disso, não há existência de um plano, tanto de funcionamento, quanto de manutenção destes serviços empreendidos, levando-se a concluir que será mais uma ação em prol do parque que corre risco de fracasso daqui há um tempo.

Ressalta-se, portanto, a importância de uma fundação à frente da gestão do parque, atentando-se para a necessidade de se incluir diferentes setores que possam contribuir com a proposta do parque e para a importância de se estabelecer um modelo de gestão que não dependa em sua totalidade do interesse e recurso público. Quando em funcionamento, indica-se ações que visem a avaliação de como os usuários e o espaço se comportam, como por exemplo, as pesquisas de Avaliação Pós Ocupação. O intuito dessas ações é o conhecimento das potencialidades e fraquezas do parque, de modo que

⁷⁶ Relembra-se o fato de que os recursos para sua criação foram provenientes do programa federal Monumenta (entorno de R\$ 3,5 milhões de reais), em sequência seu melhor funcionamento se deu mediante co-gestão com a ADOP por investimentos da Lei Rouanet e por fim, atualmente sua reforma possui como financiadora a mineradora Vale (400 mil reais).

se possa adaptar ou manter usos, estruturas e elementos no local para que atendam a real demanda dos grupos de usuários. E, além disso, sugere-se um plano de manutenção que inclua vistorias periódicas, identificação dos problemas/patologias e definição de conduta. Por fim, indica-se uma continuidade nos trabalhos científicos que possuam o parque como objeto central, realizados por demais pesquisadores que possam contribuir com as diferentes vertentes que o parque assume.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alice Viana de. **Espaços livres de uso público em Ouro Preto-MG** [manuscrito]: **heranças históricas, desafios contemporâneos** / Alice Viana de Araújo. - 2018. 708 p.: il.

BIENNIAL OF PUBLIC SPACES. **Charter of Public Space**. Istituto Nazionale di Urbanística, 2013.

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos**. Brasília: IPHAN: Programa Monumenta, 2012.

FUNDAÇÃO GORCEIX. **Institucional**. Disponível em: <<https://site.gorceixonline.com.br/>>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL – IPAC Ouro Preto – Minas Gerais. Inventário Centro. Secretária Municipal de Cultura e Patrimônio. Ouro Preto, 2010, p. 238-1677.

Jardins históricos: intervenção e valorização do patrimônio paisagístico/ Organização de Ana Pessoa, Douglas Fasolato -- Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016. 359 p.: il.

KOPPKE, Karolyna de Paula. **Permanências setecentistas? [manuscrito] : o público e o privado no Vale dos Contos de Ouro Preto** / Karolyna Koppke. - 2017.

KOPPKE, Karolyna. **Viana de Lima em Ouro Preto: um parque urbano para uma cidade monumento**. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 4. 2015, Belo Horizonte. [Anais eletrônicos...]. Belo Horizonte: MACPS: IEDS, 2015.

LAJES EM AÇÃO – PARQUE HORTO DOS CONTOS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVqBMk5bagA>>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

MACEDO, Silvio Soares. **Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks** / Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 – [Coleção Quapá]

MAIA, Moacir Rodrigo de Castro. **Histórias (re)conectadas: O Horto Botânico de Vila Rica e os jardins do antigo palácios bispos**. Rio de Janeiro, 2014.

MARCUS, Cooper Clare. FRANCIS, CAROLYNE. **People Places: Design Guidelines for Urban Open Space**. 2ed. United States, 1998, p. 345-356.

PORTAL DO IPHAN. **Dicionário do Patrimônio Cultural**. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/52/diretoria-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional-dphan-1946-1970> >. Acessado em 15 de novembro de 2019.

PORTAL DO IEPHA. **História**. Disponível em: < <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/institucional/o-iepha>>. Acessado em 15 de setembro de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Portal da Transparência. Edital Tomada de Preços 003/2019. Disponível em: < <https://ouropreto.mg.gov.br/transparencia/index.php?page=detalhes-licitacao&id=1942>>. Acessado em 8 de novembro de 2019.

Recuperação de Imóveis Privados em Centros Históricos/ organizadora, Érica Diogo. – Brasília, DF : Iphan / Programa Monumenta, 2009. 304 p. : il. ; 23 cm.

ROSA, Maria Cristina. **O Lazer e Esporte em Ouro Preto e Mariana: Estudo de Espaços e Equipamentos**. Ouro Preto. Editora UFOP, 2013.

SORGINE, JULIANA. **Salvemos Ouro Preto: a campanha em benefício de Ouro Preto, 1949-1950** / Pesquisa e texto de Juliana Sorgine; [colaboração de Lia Motta e Bettina Grieco] - Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. **CD_ Projeto Horto Botânico e Vale dos Contos**. Ouro Preto, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Confira o Projeto Horto Cultural**. Disponível em: < <https://ufop.br/noticias/confira-o-projeto-horto-cultural>>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. DEPARTAMENTO DE JORNALISMO. **ABANDONO DO HORTO DOS CONTOS- OURO PRETO**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=poaP8XWjzKE>>. Acessada em 15 de novembro de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Departamento de Engenharia Civil. **Patologias das Construções**. Ouro Preto, MG: UFOP, 2019. 1109 slides: Patologias.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica: Formação e desenvolvimento – Residências**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977, p. 61 – 85.